



FL. Nº
Anexo – notas taquigráficas
Proc. nº
CMSP – NOME DA CPI
Nome - RF

**CÂMARA MUNICIPAL DE
SÃO PAULO**

SECRETARIA GERAL PARLAMENTAR
Secretaria de Registro Parlamentar e Revisão

COMISSÃO DE FINANÇAS E ORÇAMENTO

PRESIDENTE: JAIR TATTO

TIPO DA REUNIÃO: AUDIÊNCIA PÚBLICA
LOCAL: Câmara Municipal de São Paulo
DATA: 21 de novembro de 2017

OBSERVAÇÕES:

- Notas taquigráficas sem revisão
- Lista de participantes não fornecida
- Grafia(s) não confirmada(s)
- Orador não identificado
- Intervenção, expressão ou palavra ininteligível/inaudível
- Intervenção simultânea ininteligível/inaudível
- Manifestação fora do microfone
- Exibição de imagens
- Tumulto

O SR. PRESIDENTE (Jair Tatto) – Bom dia a todos.

Com a presença do nobre Vereador Relator Geral do Orçamento Ricardo Nunes, na qualidade de Presidente da Comissão de Finanças e Orçamento, declaro abertos os trabalhos da 31ª Audiência Pública do ano de 2017, 9ª audiência temática referente ao Orçamento de 2018.

Informo que esta reunião está sendo transmitida através do portal Câmara Municipal de São Paulo, endereço www.camara.sp.gov.br link *auditórios online*.

Foi dada publicidade no *Diário Oficial da cidade de São Paulo* dos dias 10, 11, 14, 18, 19, 20, 21, 24, 25, 26, 27, 28, 31/10 de 2017; também dos dias 1º, 04, 07, 08, 09, 10, 11, 14, 15, 16 e 17/11 de 2017.

Informo que o projeto do Orçamento está disponível no *site* da Câmara Municipal de São Paulo.

Esta audiência pública tem como objetivo debater os seguintes projetos: PL 686/2017 do Executivo, que estima a receita e fixa a despesa do Município de São Paulo para 2018 Orçamento Municipal de 2018; e o PL 687 do Executivo, que dispõe sobre o Plano Plurianual para o quadriênio 2018/2021 – PPA.

Vou informar o calendário das próximas audiências no decorrer desta audiência pública.

Informo a criação do *site* do Orçamento, nós criamos para receber as sugestões *online* www.camara.sp.gov.br/orcamento2018. Este *site* é tão ou mais importante do que as falas aqui, porque o nobre Relator já se comprometeu que a sua equipe estará recebendo e estudando caso a caso. São sete campos que devem ser preenchidos: nome, entidade, endereço, *e-mail* e a sugestão. É muito importante que os que forem prejudicados por não conseguirem usar a fala, possam se utilizar desse instrumento extraordinário. Não se trata do *site* geral da Câmara, mas específico do Orçamento, para sugestões.

O Secretário Municipal da Cultura envia como representante a Sra. Marília Barbour,

com a presença da Sra. Juliana Velho, Chefe de Gabinete da Secretaria da Cultura; Sr. Ahmed, Coordenador do Orçamento, sempre presente, representante do Secretário Caio Megale; presente o Maestro Roberto Minczuk.

- Manifestação fora do microfone.

O SR. PRESIDENTE (Jair Tatto) – O Estado é laico. Você viu o que saiu na Mônica Bergamo? Quem causou isso? Foi você, Jesus?

Presença do Vereador Gilson Barreto. Nobre Relator, não temos posições hoje. V.Exa. quer ter a oportunidade de falar no início? V.Exa. sempre está prejudicado, ou quer ouvir algumas...

Tenho aqui uma lista remanescente. Vou informar os nomes já que estamos começando de maneira rápida. Ficaram pendentes da última audiência a Lucimara Santos Teixeira, Casemiro, Pablo, Danilo, Júlia Ribeiro, Alessandro Azevedo, Rosa Aparecida, é Dorberto Carvalho?, Bene, João Gabriel, Martins Sabatino, Giovana Gaudinho, Gustavo Guimarães, Célia Regina de Freitas, Amanda Negracim, Luiz Rodrigo Caloas, Elba, Ariane, Gisele, Átila, Luiz Negresco. Acho que o Átila falou.

Vou fazer um combinado com vocês, está audiência está chamada das 10h às 12h, porque às 13h temos o tema Prefeituras Regionais. Obviamente se estourar um pouco estamos aqui à disposição. Evidentemente daqui a pouco o auditório lota e teremos alguns probleminhas, mas deixamos disponível o auditório externo.

Ricardo, quer passar um vídeo do dinheiro que está entrando aí?

A Rede Globo está aqui e vamos homenageá-la.

- Manifestações fora do microfone.

O SR. PRESIDENTE (Jair Tatto) – Desde que sejam três minutos, Pablo.

Vou começar pela palavra do Relator. O Sub-relator designado pelo Relator é o Vereador Zé Turin que deve estar a caminho. Em todas as audiências devido ao grande número de inscritos o Relator tem sido prejudicado, não consegue falar. Então estou propondo

que comece falando e depois se quiserem passar o vídeo do resultado do trabalho da CPI e em seguida começamos as inscrições. Pode ser assim?

O SR. RICARDO NUNES – Pode. Só fazer uma pequena introdução, agradecer mais uma vez a presença de todos que tem sido superimportante. Esta é a penúltima audiência pública e amanhã teremos a última geral. Foi uma experiência bacana poder contar com muitas sugestões, ideias, vários secretários participando e acho que temos conseguido evoluir bastante.

Na última audiência discutimos a questão da Habitação, para terem uma ideia este plenário ficou totalmente lotado e mais 350 pessoas lá fora e tudo de uma forma muito respeitosa. Na audiência pública podem ser colocadas ideias, demandas e as audiências existem para isso.

A peça orçamentária vem do Executivo, mas a palavra final é da Câmara Municipal. O que remanejamos não é passível de veto pelo Prefeito. S.Exa. pode vetar algum item do texto, mas o que é com relação à locação de recursos não.

Então é um momento muito importante para as pessoas falarem. E evidentemente às vezes há o problema de que alguém acabe confundindo a audiência pública e fazendo um pouquinho de barulho além do normal, mas é uma sugestão de aproveitar esse espaço para falar, porque vamos anotando tudo e às vezes algumas audiências ficam prejudicadas por causa de posições políticas.

Ninguém aqui está discutindo questões políticas partidárias e sim o orçamento da Cidade. Um orçamento grande e temos o maior prazer de participar das audiências, para terem uma ideia poderiam ser realizadas só duas audiências públicas. É o que determina o Regimento, mas por uma decisão da Comissão, iniciativa do Presidente Jair Tatto, foram feitas, inclusive, as audiências regionais.

Estou na Comissão de Finanças – este é meu quinto ano – e sempre conseguimos ter avanços com relação às participações nas audiências públicas e nas alterações propostas

pelos participantes. Vamos ter bastantes alterações, a Cidade teve um resultado muito positivo com relação ao PPI, Programa de Parcelamento Incentivado, chegando a quase 5 bilhões de reais. O trabalho teve uma contribuição enorme desta Câmara Municipal na CPI da Dívida Ativa dos Grandes Devedores.

Para o ano que vem o Programa de Desestatização do Prefeito deve trazer economia e alguns recursos para os cofres da Cidade. Votamos aqui há algumas semanas uma autorização para que o Governo Municipal contraísse um empréstimo de 1 bilhão e 250 milhões, com muito foco na área da Saúde, Educação, Mobilidade e Habitação.

Então há uma expectativa razoável de melhorar o cenário em 2018, até porque a economia gradativamente vem dando alguns sinais de recuperação. Efetivamente para quem trabalha com dados concretos a economia vem melhorando.

Então é isso, Presidente. Quero agradecer muito a condução democrática que V.Exa. deu ao processo e dizer da nossa alegria e satisfação de poder relatar o orçamento e ter o Vereador Zé Turin como Sub-Relator da Cultura, muito preocupado, esteve com o Secretário Caio na sexta-feira e me ligou no sábado. Mostrou-se bastante preocupado no sentido de podermos fazer o melhor orçamento possível.

O Vereador Rodrigo na Subcomissão de Serviços e Obras e um destaque bastante especial para a equipe da Fazenda que está sempre participando. Amanhã teremos a audiência pública geral final com a presença do Secretário e com certeza vamos fazer algumas melhorias no orçamento.

Hoje a audiência pública concluiu a audiência da Cultura que não foi possível concluir na última. E teremos audiência pública com relação a outras secretarias, mas principalmente a Secretaria das Prefeituras Regionais em que teremos de fazer uma alteração muito grande. O orçamento das prefeituras está muito baixo e é vontade da população e da grande maioria dos Vereadores que esse orçamento seja corrigido e melhorado. Vamos contar com o pessoal da Secretaria para fazer essas correções.

Enfim, Presidente, era isso. Muito obrigado.

O SR. PRESIDENTE (Jair Tatto) – Obrigado, nobre Relator. Vereador Zé Turin, Sub-Relator para a pasta da Cultura, tem a palavra.

O SR. ZÉ TURIN – Bom dia a todos, cumprimentar o nosso Presidente, Vereador Jair Tatto; Relator Ricardo Nunes; Vereador Gilson Barreto; demais colegas representando as secretarias, estou muito feliz em ter contado com o apoio desse grupo maravilhoso da Cultura que tem nos ajudado bastante na relatoria.

Não tem sido fácil, como o Relator e Vereador Ricardo Nunes falou há pouco, dificuldade muito grande no orçamento, a crise é mundial e não seria diferente aqui no Município.

Tivemos uma reunião hoje, às 8h, na Prefeitura com o nosso Vice-Prefeito Bruno Covas e toda sua equipe. É meu primeiro mandato e particularmente fiquei muito triste, como meus colegas Vereadores, quando falaram em cortar 1 milhão das emendas dos Vereadores. São três milhões, imaginem, para cada Vereador encaminhar para a Cidade de São Paulo em diversos setores. A dificuldade é muito grande, sinceramente, fiquei muito triste.

Conosco está acontecendo, imaginem o orçamento quando se fala da Cultura, Saúde, é inadmissível, inaceitável, doloroso, assumirmos compromisso com 3 milhões que sabemos muito bem não são nada para uma Cidade enorme como São Paulo, 55 Vereadores, total de 165 milhões, o que é muito pouco.

Não aceito isso e assumi um compromisso com todo o grupo da Cultura e com todos vocês que representam a Cultura de São Paulo. Vou não só apresentar o relatório da Cultura, como também acompanhar a execução do orçamento com todos vocês no próximo ano, podem contar comigo.

Só vamos apresentar o que for a verdade. Conversando com o Relator Ricardo Nunes, conseguimos já um valor de 20 milhões para iniciarmos o trabalho e fazer uma boa distribuição que possa contemplar todos vocês.

Havia conversado com o Secretário André Sturm que tinha concedido uma transferência para o Theatro Municipal de 5 milhões. Então temos aí para iniciar a relatoria do orçamento, fazer um remanejamento e ao mesmo tempo alguns setores que ficaram sem nenhum recurso, zerados, vão ser contemplados também.

Então são 25 milhões, quero deixar claro que as reformas, principalmente nas casas de cultura foram combinadas com o Secretário e serão através de emendas parlamentares. Particularmente, indiquei a Casa de Cultura de Santo Amaro, não só para a praça, como também reforma. E os Vereadores Ricardo Nunes e Eduardo Tuma também estão encaminhando um valor para que possamos melhorar.

Então a cada ano do nosso mandato iremos fazer pela cidade de São Paulo. Há aí uma apresentação e gostaria que refletissem, dessem uma olhada. Fizemos um resumo, se houver algo diferente conto com o apoio de vocês. Estou pronto para fazer as correções dentro daquilo que cada um de vocês indicarem.

Muito obrigado ao grupo que está nos apoiando, que tem feito reuniões conosco. O nosso gabinete – 1117 – está à inteira disposição para fazer o melhor relatório possível, de forma que possa contemplar a todos. Conhecemos um pouco a Cultura, mas nada melhor que vocês para poderem afirmar e também tudo aquilo que precisamos executar de melhor para a cidade de São Paulo.

Deixo claro que sou favorável também a levar a Cultura para a periferia da Cidade. Esse é um ponto que não abro mão. Recursos para que a população menos favorecida possa ter acesso. Que os artistas possam mostrar seu talento para aqueles que não têm acesso aos espaços públicos, até mesmo por causa da crise muitas pessoas não conseguem ter acesso aos espaços públicos da cidade de São Paulo. Falo isso porque conheço de perto e está faltando um pouco mais de Cultura nos bairros, eventos, não importa se balé, teatro, hip hop, tudo. Quando falo em Cultura é no todo.

Então sou e serei defensor da Cultura na periferia. Vamos levar a Cultura para os

bairros da periferia de São Paulo. Muito obrigado.

Vamos à apresentação.

- Apresentação de audiovisual.

O SR. PRESIDENTE (Jair Tatto) – Tem a palavra o Vereador Gilson Barreto.

O SR. GILSON BARRETO – Presidente, Vereador Jair Tatto; Relator Ricardo Nunes; Vereador Turin; nossos representantes do Governo Municipal, Vereador Turin, esse negócio de emenda tem de ir o que tiver de ir para o orçamento para poder contemplar todos os segmentos da sociedade.

Sobre a emenda, o Vereador tem um valor “X” - eram três milhões, agora querem reduzir para dois – e faz um encaminhamento, o Governo cuida disso, dos projetos, depois manda para a Secretaria da Fazenda. A Secretaria da Fazenda tem que liberar. Aliás, trabalha para liberar. Depois volta para o órgão de origem, que, no caso, são as secretarias, e aí a secretaria paga ou manda executar os projetos. É dolorido isso aí, porque realmente a gente passa o ano todo. Nunca aconteceu e as emendas serem executadas totalmente. É uma ou outra que é executada. Então, vamos já procurar um jeito de não contar as emendas, porque a gente sabe como funciona. Leva um ano, e depois de um ano, às vezes, um projeto da Cultura, como a gente tem feito, quando há data marcada, quando é executado, o dinheiro não está lá. Isso é muito complicado. A gente tem que ver aqui como é que vai ser conduzido o processo. Os senhores têm trabalhado aí com muito carinho e muita atenção. Inclusive hoje, às 8h, já estava com o Vereador Zé Turin. S.Exa. estava defendendo a questão da cultura, representando inclusive os Vereadores Ricardo Nunes e Jair Tatto, a respeito de verbas, além de outros assuntos também. Nós estamos aí acompanhando *pari passu*.

É isso. O importante é que está sendo trabalhado com coerência, firmeza e dedicação desses Vereadores da Comissão de Finanças e Orçamento. Eu sou da Comissão de Administração Pública. A gente também tem obrigação de acompanhar, como membro da Comissão de Administração Pública. Estamos aí juntos para poder chegar a um bom termo. O

momento é agora. Hoje é um dos dias muito importantes. Inclusive nesta semana, para o fechamento do orçamento

Então, quero, mais uma vez, parabenizá-los e dizer também da importância do trabalho de V.Exas., do acompanhamento, das lutas que S.Exas. têm cotidianamente vêm acompanhando. Não é porque hoje vai praticamente vai se dar o direcionamento final do fechamento do orçamento que V.Exas. vão parar na luta. A luta tem que continuar.

Parabéns a todos.

O SR. PRESIDENTE (Jair Tatto) – Para contribuir com o debate, o então relator, Vereador Milton Leite, do orçamento, designou-me para ser subrelator, na época, subprefeituras, eu, junto com o Vereador Ricardo Nunes, propusemos um valor para cada prefeitura regional, subprefeitura, na época, para que lá, na subprefeitura, na época, hoje prefeitura regional, sentasse o conselho participativo. Na época, havia coordenador de juventude e os núcleos da região, e houvesse uma verba, para desenvolver as atividades lá, ou seja, que cada subprefeitura tivesse um valor. Na época, chamava-me atenção a questão dos pancadões, que tanto criticavam. Falo do formato, Não vai aqui ao caso. Nós dizíamos: “Não é só a Polícia chegar lá e sentar a borracha, porque os pais sofriam duas vezes, porque os filhos iam, a maioria das vezes, onde eu presenciava menores de idade, e o medo de não estar no ambiente que gostariam, e, ao mesmo tempo, a Polícia ia lá e sentava a borracha. Então, qual era a ideia? Que houvesse uma verba local, para atividades culturais, ou seja, trouxessem os grupos da região e fizessem atividades culturais. Nós propusemos, na época, um real *per capita*. Ou seja, na época, foram colocados onze milhões e 153 mil reais, distribuídos de acordo com o IDH. Eu me lembro que as três subprefeituras mais carentes, Parelheiros, Cidade Tiradentes e Perus, detinham a melhor verba, que dava em torno de 450 a 500 mil reais. Eu tenho uma compreensão, de que uma subprefeitura como Perus, com 500 mil reais, para usar especificamente para atividades culturais, faz muitas coisas na região. Ela contrata os grupos, transforma aquilo que não é bem aos olhos numa coisa boa. Transforma numa estrutura, num

no num estilo de cultura que agrade com a Guarda Civil presente, com estrutura de palco, som e bandas da região. Não é simplesmente dizerem: “Aquilo não presta”, porque a população da periferia, principalmente a juventude, tem que ir para algum lugar. Então, eu falei com o nobre Vereador Zé Turin e com o Vereador Ricardo Nunes, relator, para ver se a gente consegue colocar de novo, porque foi criada uma rubrica, mas não foi executado absolutamente nada. Foi congelado. Eu me lembro que a Secretaria de Cultura falava: “É até bom, porque descentraliza um pouco e evita aquela correria dos grupos da periferia, que chegam lá”. Eu me lembro que, no Vai 1 e no Vai 2, eram mais de 500 grupos, naquela fila para conseguir um recurso. Então, imaginem em São Mateus, que sejam 300, 400 ou 500 mil reais, que o Sr. Subprefeito, juntamente com a comissão tenha atividades culturais. Aqueles grupos da região são contratados, têm um cachê para fazer lá atividades, com o palco de lá. Não há a história do pinico? Para esse tipo de coisa não precisa pedir para a Secretaria de Cultura. Eu até lamento que, nesse aspecto, a gestão teve o não executor, porque, na época, os subprefeitos diziam: “Isso aqui é maravilhoso, porque a gente desenvolve aqui coisas”. Não é também para o Vereador fazer aniversário da Cidade com esse dinheiro não. É para fazer cultura. É para cada um dos senhores apresentarem os grupos lá e falar: “Vai haver palco, som, luz e aquilo que é necessário. A Guarda, veio uma atividade oficial. A Guarda Civil faz-se presente.

Na época, nós utilizamos o critério do IDH. Então, as mais carentes recebiam mais valor. Então, eu vou insistir nessa ideia. Não é muito dinheiro. O que se discute aqui é muito pouco dinheiro e dá para fazer muitas coisas.

O SR. GILSON BARRETO – V.Exa. tem razão, nobre Vereador.

Eu e o Vereador Zé Turin participamos da CPI da feira da madrugada. Então, daqui a pouco, nós vamos nos retirar, mas, nós estamos acompanhando. A nossa Assessoria está aí também acompanhando de perto.

O SR. PRESIDENTE (Jair Tatto) – Muito bem. Então, fica aqui esse apelo. Seria

interessante os senhores colocarem valores só para a Cultura nas prefeituras regionais, independente dos projetos maiores, que não devem ser prejudicados, que estão no âmbito da Secretaria de Cultura.

O SR. ZÉ TURIN – Nobre Vereador, ainda ontem, estive em Paraisópolis, organizando os eventos para a periferia, assim como toda a cidade de São Paulo. Realmente a carência é muito grande. Faz muito tempo que não há a cultura no bairro.

O SR. PRESIDENTE (Jair Tatto) – Talentos há muito. Dinheiro há pouco.

O SR. ZÉ TURIN – Então, vamos procurar, da melhor forma possível, o orçamento dentro da Cultura. Falando como contador, a gente trabalha os núcleos . O recurso financeiro obviamente é proporcional à população. Então, onde realmente nós teremos público, vamos investir dentro da proporção. Isso é natural, isso é muito fácil de se fazer, principalmente com a ajuda de todos os senhores.

Aproveito os senhores presentes para agradecê-los, pois têm nos dado uma grande retribuição aí no orçamento.

Tem a palavra o Sr. Casimiro.

O SR. CASIMIRO – Bom dia a todos. Dando continuidade à reunião passada, digo que infelizmente aqui não está tão cheio como estava. Eu represento o hip-hop da zona Norte de São Paulo, Brasil e mundo. A gente não quer a questão de sítio, mas a questão de representatividade. Aqui a gente está reivindicando a questão da lei orçamentária para 2018 e a manutenção de coisas no plano plurianual de 2018 a 2020. No mês do hip hop, um milhão e 500 mil; 500 mil na pasta da Secretaria de Direitos Humanos e um milhão na pasta da Secretaria da Educação. Na casa do hip hop, 500 mil reais, na Secretaria de Cultura, para a execução da casa e hip hop, na zona Sul, e 500 mil reais nas seguintes, na zona Leste e zona Oeste e a do Centro. A gente tem um território hip hop também. Dois milhões de reais a gente está reivindicando aí. Tudo são rubricas. Está tudo isso já conquistado aqui com muita luta. A gente pede que não se perca isso e que seja executada. Dois milhões de reais também na

pasta da Secretaria de Educação e para a execução do vocacional no território hip hop.

Eu gostaria de deixar claro aqui que se a gente for olhar dez anos de cultura de São Paulo, a cultura de base periférica, não só o hip hop, vem salvando a cultura de São Paulo aqui durante muito tempo, porque não se fala mais de cultura nas grandes academias, mas a gente movimenta também a política pública, por meio da cultura na nossa base periférica. A gente pede a V.Exas., representantes do Poder Público, e a todos aqui presentes uma atenção melhor para essa questão. Como já foi dito aqui, na reunião passada, na periferia, ainda não se morrem tantos jovens, por conta da nossa cultura de base, que é o hip hop e outros tipos de ações culturais, mas infelizmente morrem muitos jovens, por conta desse descaso de não se colocar verba que já está assinada no lugar certo. (Palmas)

O SR. PRESIDENTE (Jair Tatto) – Tem a palavra o Sr. Pablo.

O SR. PABLO – Olá. Bom dia. Bom, essa proposta aqui é fruto de um trampo aí de anos, de vir aqui e defender o óbvio. Toda vez é a mesma ideia, a mesma fita. Vamos lá nós de novo.

Essa é a situação trágica e calamitosa que rolou esse ano aí. Dá para a gente perceber, na última coluna, o quanto de recurso não foi utilizado, obviamente aí por problemas, mas muito de má vontade política também.

Aqui a gente fez um recorte de todas as divisões que ainda existiam na Secretaria de Cultura e que hoje é uma coisa vertical, apenas gabinete. Já era. Tudo passa pelo mesmo chefinho, que audita tudo, mas aqui a gente percebe como era a divisão da secretaria e como os cortes rolaram em cada divisão.

A média que houve de corte, na perspectiva para o ano que vem, é de 36, 40% ou mais.

Alguns foram piores. Quando a gente começa a analisar, por exemplo, os espaços comunitários de cultura, nos espaços de gestão compartilhada, a gente vê que o corte foi cada vez mais drástico.

Quanto à questão dos equipamentos culturais, a gente percebe também que a justamente essa ideia fraudulenta, de que as emendas de Vereadores vão conseguir sustentar os equipamentos de Cultura, a gente sabe que isso é balela e os mesmos equipamentos vão realmente continuar na mesma situação que estão.

Aqui estão os fomentos. A gente percebe que também uma área que gera gigantes empregos e esse impacto enorme, na Cidade, está na mesma situação.

Aqui é um resumo de todas as áreas que existiam dentro da secretaria e como está a situação. A gente percebe aqui, nessa última coluna aqui, em corte, em relação a 2017, que 81 milhões é o nível do corte, e, como, na nossa reivindicação, e havendo entendimento, já que a atual gestão não teve capacidade e competência para conseguir executar o orçamento de 2017, não haveria muito cabimento a gente ficar lutando aqui para aumentar o orçamento. Enfim, a ideia seria apenas um reajuste de 5%, que é, mais ou menos, o percentual que está aí para a inflação. A gente ainda está sendo generoso. Então, como o corte para 2018 já sendo de 81 milhões, 5%, 92. Então, a conta seria, mais ou menos aumentar isso aí, remanejar isso aí dentro da proposta da LOA para o ano que vem.

Aqui é a síntese disso tudo com relação aos cortes, com relação ao reajuste e com a perspectiva que haveria para o ano que vem. Aqui a gente analisar tudo e fazer a conta. Obviamente a gente não vai fazer só a conta, porque falar só o que precisa também nunca resolveu nada.

Aqui a gente vai falar de alguns equipamentos, que obviamente deveriam estar na lista. São equipamentos que estão caindo aos pedaços ou nem existem ainda, mas já estão no plano municipal de Cultura. Já estão discutindo isso há décadas. A gente elencou alguns aqui. É bom o que o Sr. Secretário, na última vinda aqui, deu um salve. Alguns desses aí vão rolar, mas outros também passaram batido aí na ideia. Então, se há alguma prioridade, que sejam esses, que já estão aí há um tempão lá.

Esses programas, esses fomentos seriam novas rubricas. Na verdade, não são tão

novas assim, porque se a gente pegar o Plano Municipal de Cultura, tudo isso aí é meta de curto prazo, e que já teria que estar sendo cumprido agora em 2017. Está sendo incluído já aqui também para 2018. Vamos dar uma ajudinha aí. Quem sabe o Sr. Secretário leia o plano para o ano que vem.

Aqui são algumas rubricas que a gente indicou para remanejamento. São rubricas. Aqui eu nem entro nem no mérito de desestatização, mas se somarem essas daqui, já dá um bilhão também. Então, se a gente for pensar principalmente nessa primeira, é bem curioso. Se a gente está com uma média de corte de 40, 50% em todas as políticas culturais que geram emprego e difusão cultural, a gente pensar que programação de atividades culturais, em vez de cortar, aumentarem 78%... É óbvio que há relação de plano de metas, trazendo mais pessoas para os equipamentos culturais, a gente, ao mesmo tempo, lá atrás, quando criaram o circuito SP, sempre foi questionado: “É democrático mesmo, como as pessoas acessam?” Ficou meio nítido quem conseguiu acessou neste ano. Enfim, a promoção de campanhas de eventos, no município, está crescendo 20 milhões. É sempre uma rubrica que nunca executa tudo, está indo para um valor muito absurdo e, enfim, é função Cultura. A manutenção da GCM não preciso nem falar, a Cracolândia como estava no começo do ano, a perspectiva do orçamento é de aumentar 82% para o ano que vem. Vai ter bomba.

O serviço de engenharia de tráfico. Quando eu e outras pessoas olhamos esse negócio, ficamos até doidos. Como que tem tanta grana para isso se executou tão pouco e a perspectiva ainda de aumentar 80% para o ano que vem? Não sei, não entendi. Desculpe, se alguém puder explicar.

A questão do 156 não preciso nem falar. Na época do WhatsApp, na era do aplicativo, a gente gastar 70 milhões com uma central de atendimento!

Aqui é uma questão de transparência, de controle social mesmo. A primeira é a Virada Cultural. Há algum tempo já pensamos que a Virada Cultural deveria ter uma rubrica específica, justamente para ter um controle social, planejamento direto e que ela também fosse

descentralizada. Se pensarmos que uma rubrica é composta de duas partes, uma dentro de programação, outra dentro de promoção de campanhas que somando dá 17 milhões, acho que não tem cabimento estar dentro de outras, fica uma coisa muito genérica.

Nessa mesma linha de raciocínio, a ideia também é dividir essas rubricas muito genéricas, como essa que está dentro da Secretaria de Governo Municipal, a promoção de campanhas de eventos do Município. Se pegarmos a execução deste ano, por exemplo, que também é notável como é superestimado, enfim, a ideia seria dividir essas rubricas em rubricas específicas por que são eventos que acontecem há muitos anos. Isso é uma questão recorrente.

Então, a ideia é que tenha um planejamento, uma projeção melhor justamente para enxugar gastos. Afinal, isso também é função Cultura.

Esta é uma questão estrutural da pauta deste ano. Ano passado quando a gente trouxe essa ideia de pegar o fomento em linguagens artísticas e dividir em rubricas específicas para que tivéssemos um controle social melhor do que estava sendo executado, a gente viu isso como um avanço, a ideia é justamente a gente entender como que a programação poderia ser dividida de uma forma territorial. Não precisa ficar um gabinete escolhendo e fazendo curadoria para cidade inteira, mas como que o distrito tivesse o controle dele demandar, produzir e ter um acesso específico, que fosse uma coisa paritária, afinal mais de 60% do recurso de toda a Cidade de programação fica nos distritos da Sé, Lapa, em Pinheiros. Quando comparamos com a periferia, vemos o quanto isso é desigual e, pior, isso não tem números que a sociedade civil consegue ter um controle direto.

Então, uma das principais propostas - que não tem nada a ver com dinheiro - é justamente a criação e divisão dessas rubricas específicas de programação porque não tem cabimento ter uma rubrica de 65 milhões para dividir para todos os equipamentos. É óbvio que vai ficar superestimado e que, enfim, a decisão vai ser completamente de cima para baixo. A nossa ideia é territorializar o orçamento justamente para que a gente consiga pautar o que a

gente está pautando: a descentralização dos recursos.

Aqui é uma tragédia, o Centro Cultural que desde 2008 já havia esse projeto. Esta foto aí foi tirada em 2013 e ainda está do mesmo jeito. Vai fazer dez anos ano que vem. Ano que vem tem 10 milhões para fazer a reforma da segunda fase da construção da Praça das Artes. Tem para a Praça Estaiada, tem para o Projeto Faria Lima.

Para o Centro tem tudo, mas para a quebrada, não chega nada. Secretaria de Licenciamento Urbanismo para o ano que vem, não chega nada. Minha alagou, foi trágico. Isso é apenas um reflexo de como não chegam os recursos e como todo o plano, inclusive, plurianual está pautado dessa mesma forma, de beneficiar o Centro. É importante trazer isso aqui, porque se tem 10 milhões para gastar em reconstrução de equipamentos no Centro tem de ter, para terminar o que foi feito, pelo menos, na quebrada. Dinheiro público que está aí. Está podre, vai ter de demolir e fazer outro. Essa foto está a mesma coisa. A ideia é bem simples, é fazer os reajustes, pautando o que já tinha em 2017, para a projeção para 2018, seria então, os 81 milhões de corte mais os 5% em cima desse valor que daria 92%. As rubricas com os novos equipamentos, que na verdade é só cumprir o plano municipal de cultura metas para 2017, ou seja, está um ano atrasado e esses novos editais de 7 milhões é a mesma coisa, é cumprir as metas de curto prazo que está no Plano Municipal de Cultura e uma ali no caso está no plano municipal de livro, literatura e biblioteca. E o último aí no caso, que coloquei aí, por ser Itaquerence, Centro Cultural de Itaquera por estar esse absurdo lá, fazendo dez anos, já. Enfim, comparado ao orçamento da cidade para o ano que vem isso representa 0,2% do orçamento. Se a gente for pegar aquele de lá que tinha aquelas rubricas, que sempre sobra dinheiro, só aquilo dá um bilhão, acho que não está tão difícil. Além do dinheiro que sabemos que é uma briga política, meio difícil, o principal que poderíamos avançar aqui, pensar em formas de melhorar esse orçamento, de como que as pessoas conseguem controlar esse orçamento ao longo da execução. Assim a gente consegue ter uma participação social onde mais pessoas continuam vindo e participando desse processo democrático que ao longo da

execução.

O SR. PRESIDENTE (Jair Tatto) – Com a palavra o Sr. Alessandro Azevedo.

O SR. ALESSANDRO AZEVEDO – Boa tarde a todos! Começar pela negativa.

Não! São Paulo, não está à venda. Não, as perseguições aos coletivos culturais da Cidade de São Paulo, Não, a imprensa canalha que tenta criminalizar os coletivos culturais da Cidade de São Paulo. Sim, a descentralização dos recursos para a Cidade de São Paulo.

Nossas reuniões com o sub-relator, desde o início, nós tivemos quatro reuniões, ela tinha alguns pontos evidentes. Quais? Estamos solicitando de reposição para o orçamento da Cultura 100 milhões. Esse é o nosso valor. Se vier mais, melhor. O que significa esse valor? Essa reposição dos 16% mais os 5%. Aponta também para o sub-relator, que na área de eventos tem muito recurso então poderia ser deslocado dessa área de eventos da Cidade de São Paulo, assim como da Secretaria de Governo. Também a Câmara Municipal de São Paulo poderia ser generosa e tirar alguns milhões da Casa, que ultrapasse os 600 milhões, segurança pública, e algumas outras secretarias que não conseguem executar o seu orçamento para chegar a esse valor. Sabemos que tem algumas áreas que precisam de reposição muito maior do que essas. Então, por exemplo, culturas tradicionais e populares que está lá com rubricas apontadas como o prêmio da Lei dos Metres e essa Lei dos Metres foi vetada pelo Sr. Prefeito há dois meses atrás. Então eles vão ficar sem recursos. a sugestão é de mudança na rubrica para que sejam culturas tradicionais e populares na ordem de 10 milhões. esse o valor para a área das culturas populares. Para a área do circo. Vamos precisar de pelo menos 10 milhões. No orçamento está apontado dois milhões e pouco, precisamos de 10 milhões para cumprir a nossa Lei de Fomento que foi aprovada ano passado, entrou em vigor, mas não foi cumprida até o momento. E para os pontos de cultura 16 milhões e no orçamento consta 2 milhões e 700. Ano passado o orçamento foi de 15 milhões e ele não foi executado. O Orçamento de 2017 se fechar o ano agora, talvez ele não gaste, não execute nem 50% do que foi empenhado para esse ano. E recentemente, não sei se uma portaria, ou

um decreto, lançado pelo Sr. Prefeito João Doria, diz que a partir de 11 de novembro, agora, todos os recursos que não foram empenhados tem de ser devolvidos para os cofres públicos. Isso precisa ser revisto. Uma coisa que a gente solicita dessa Casa, o que não ocorreu, necessariamente, com todos os parlamentares é que eles se empenhem para que o Sr. Prefeito cumpra o que for aprovado aqui na Casa. Cumpra o orçamento que foi aprovado. Aprovado em 518 milhões. Não chegamos nem na metade disso, ainda em execução. Com esse reajuste de 100 milhões o nosso orçamento para 2018 passaria para 533 milhões. Essas são as solicitações que fizemos desde o primeiro momento ao sub-relator Zé Turin, para que aja essa reposição de 100 milhões de reais para a área da Cultura. Duas outras dicas, que sejam rubricas específicas como foi o ano passado, porque isso facilita o acompanhamento dos movimentos e que não haja a troca, as rubricas elas contém atividades e não projetos para que não caia naquela armadilha que o Secretário de finanças usou para dizer que não podia fazer com que os projetos fossem executados deveria dar prioridade as atividades. Então substituição disso aí. Colocar todos os projetos que são de continuidade com atividade. Obrigado.

O SR. PRESIDENTE (Ricardo Nunes) – Com a palavra o Sr. Norberto Carvalho.

O SR. NORBERTO CARVALHO – Bom dia a todos! Sou Norberto Carvalho. Há mais de dez anos que a gente vem aqui disputando o orçamento da Cultura, da Cidade de São Paulo e hoje é a primeira vez que falo como presidente eleito do Sindicato dos Artistas e Técnicos da Cidade de São Paulo.

Aproveito essa fala para reiterar as falas que temos feito nos anos anteriores. É preciso que entendamos a cultura da Cidade de São Paulo, não apenas como entretenimento mas como formação do pensamento crítico, como gerador de trabalho, como gerador de renda. Nesse sentido fico muito satisfeito, pelo menos quero acreditar, na fala do Sr. Secretário André Sturm, na última audiência pública, quando justificou o incremento, o aumento para o Teatro Municipal, para o pagamento dos músicos, artistas, técnicos e demais trabalhadores em

regime CLT. Isso quero dizer que deixo minha posição favorável e que fui convencido por isso. se esse dinheiro vai para os trabalhadores, é muito justo que de a gente defenda. No entanto deixo claro aqui que inúmeros trabalhadores da Cultura, inúmeros artistas da Cidade de São Paulo, trabalham em regime precarizados, sem CLT, sem 13º, sem férias e eles perfazem a totalidade dos artistas e trabalhadores da Cultura da Cidade de São Paulo. É preciso que tenhamos a sensibilidade, a relatoria nesse momento, é preciso que tenha sensibilidade, quando o próprio Secretário aponta um corte de cerca de 16% na Cultura da Cidade de São Paulo. Deixo claro também que essa Casa tem tido um papel fundamental, pelo menos que me lembro, nos últimos 17 anos na Cultura da Cidade de São Paulo. Foi aqui que foi feito o fomento ao teatro, foi objeto de luta aqui nessa Casa o fomento à dança, o Prêmio Zé Renato, o Vai Um, o Vai Dois, o fomento a periferia e tantos outros projetos. Essa Casa tem feito política cultural na Cidade de São Paulo. Então tem uma responsabilidade. Ao mesmo tempo quando nos posicionamos a favor da Cultura, aumenta nossa responsabilidade. Quando aumenta a responsabilidade dessa Casa, quando essa Casa tem um histórico de luta, principalmente no orçamento. Vejo aqui o nobre Vereador Ricardo Nunes, que não é a primeira vez que é o relator do Orçamento da Cultura, e que em outros momentos já demonstrou grande sensibilidade para o orçamento da Cultura na Cidade de São Paulo. Vejo aqui o nobre Vereador Zé Turin, que tive a oportunidade de nos reunir com demais companheiros, e que também demonstrou grande sensibilidade para o orçamento da Cultura da Cidade de São Paulo.

Então Srs. e Srs. não é possível que com o aumento de arrecadação o orçamento da Cultura perca 16%. Não é possível que com o aumento da arrecadação e com a necessidade crescente de uma Metrópole como a Cidade de São Paulo, a gente coloque 16% no orçamento para a Secretaria de Governo, para fazer política em ano eleitoral. Desculpe minha sinceridade, mas os vereadores aqui presentes sabem muito bem do que estou falando. Esses 16% que serão utilizados na área de eventos da Secretaria de Governo, São os 16%

que foram tirados da pasta da Cultura. e queremos que esses 16% retornem. Porque eles são ferradores de trabalho e renda. São geradores em função dos bens culturais produzidos na Cidade de São Paulo. Cobro, sim, o compromisso dessa Casa, o compromisso que durante esses dez anos tiveram com a Cultura, de que não aceitem reduzir o Orçamento para esse ano de 2018. Muito obrigado!

O SR. PRESIDENTE (Jair Tatto) – Com a palavra o Sr. Bener.

O SR. BENER – Sou Rap e professor de capoeira, faço parte do Grupo de Capoeira Aliança das Mares, o fórum municipal de Hip hop e do coletivo pós elementos de atitude de Hip hop. Venho defender e reivindicar como rubrica pública orçamentária na Lei Orçamentaria para o ano de 2018, e manutenção delas no Plurianual de 2018 a 2020. Hum milhão e quinhentos mil reais, na pasta de Secretaria de Cultura para execução do mês do Hip hop; 500 mil reais na pasta da Secretaria de Direitos Humanos, para execução do mês de Hip hop. Um milhão de reais na pasta da Secretaria de Educação, para execução do mês de Hip hop. Todos de 2018. Quinhentos mil reais na pasta de Secretaria de Cultura para execução da Casa Hip hop zona Sul; Quinhentos mil reais na pasta de Secretaria de Cultura para execução da Casa Hip hop zona Oeste. Quinhentos mil reais na pasta de Secretaria de Cultura para execução da Casa Hip hop zona Leste. Quinhentos mil reais na pasta de Secretaria de Cultura para execução da Casa Hip hop Centro. Dois milhões de reais na pasta de Secretaria de Cultura para execução do vocacional território Hip hop. Dois milhões de reais na pasta de Secretaria de Educação para execução do vocacional território Hip hop.

Hoje, além de defender essas pautas do Hip hop, de 2018 a 2020, por território, principalmente o mês do Hip hop, trouxe também, aqui, um livro que estou lendo da CPI dos assassinatos dos jovens do Brasil. Porque eu trouxe esse livro? Eu trabalho com capoeira e Hip hop, desde aos sete oito anos de idade, quando comecei a treinar capoeira, a dançar breik nas ruas de São Mateus. Depois mudei para a Cidade Tiradentes. Em 1997, comecei a ministrar oficinas de capoeiras, - hoje chama oficina, a gente chamava de projetos de aula, hoje

oficinas de capoeira. Em 1997 comecei a dar aula de capoeira dentro da academia do meu mestre e com a permissão dele, cimentei o fundo da minha casa, porque querendo ou não, meu mestre na época, ele não deixava ninguém treinar de graça. Eu cuidava de carro na feira, escondido da minha mãe, até convencer minha mãe poder treinar capoeira, foi difícil, mas consegui convencer e depois, cimentei o fundo da minha casa para dar aula para a molecada que não tinha condições de pagar, isso na Vila Rica, divisa com Vila Nova York, em 97. E aí a gente começa a entender o quê? Lá atrás eu pensava em dar aula, para a molecada que estava ali e não tinha condições de pagar mas nem tinha entendimento que ali eu estava salvando vidas. Porque dali fui para outras regiões, quando mudei para Tiradentes, começou uma briga, que quem não tinha faculdade de Educação Física não podia dar aula. Ai começou a entrar na capoeira, os caras não entende nada de capoeira. E em um Congresso que estive em 2000, pegamos o tal do Pelé, quem foi o que criou a Lei Pelé, que estrou essa briga do Crefe, ai falamos para ele: levanta a perna e dá uma aula de capoeira e para o diretor lá presidente do Crefe, os caras não sabia nem o que era capoeira. Mas queria mandar na gente. Essa briga está tendo até hoje. todo ano é uma briga. Mas lá atrás, começamos a entender o quê? A partir desse momento eu tive que parar de dar aula durante um tempo. Na época, na Vila Nova York, eu tinha mais ou menos, uns 38 alunos – detalhe, eu não cobrava – quando parei de dar aula, eu vi muitos indo para a vida do crime, onde perdi três alunos que eu tinha como filho; o Barata, o Alemão, o Gelinho e a Priscila, que acabou entrando para a prostituição. Hoje vemos cortar a verba da criação da Casa do Capoeira, e não vejo um projeto para pegar a galera, principalmente, nós da Cultura, tanto Hip hop, quanto da Cultura em geral e da capoeira, que estão fazendo lá. Projetos de graça, e não tem investimento em nada. então está na hora de começar criar algo para investir em nós dentro da periferia. Como disse meu camarada na audiência passada, falou: temos o microfone nas mãos, podemos: educar, mostrar um caminho certo para eles, e podemos induzi-los a fazer outras coisas que não seja atendido por nós. estamos criando uma situação, onde estamos fazendo o papel do Estado

que não investe na periferia e sim, estar cortando verbas da periferia. Depois que esses jovens entrar para o crime usando drogas, o genocídio vai piorar porque infelizmente o genocídio hoje está enorme e essas instituições que quer segurança, eles estão criando isso. está na hora de começar a pensar em algo para a periferia. Não esses cortes que estão tendo aí, e os projetos sociais que temos lá, não tem ajuda nenhuma. Então está na hora de pensarmos nisso daí, parar com esses cortes, senão a periferia vai começar a responder à altura. Obrigado!

O SR. PRESIDENTE (Jair Tatto) – Com a palavra o Sr. Martinho Sabatino.

O SR. MARTINHO SABATINO – Bom dia a todos. Gostaria muito de agradecer a todos, principalmente aqueles que estão engajados com a arrigo, engajados de verdade com o crescimento e o fomento da Cultura brasileira e Cultura Paulistana. Sou gestor e produtor cultural, criador de produtos culturais da linguagem circense. Estou hoje coordenador do Centro de Apoio a Qualificação da Linguagem Circense, que está sediado no tendal a Lapa, e tenho algum tempo, lutado e me envolvido, procurando conhecer os caminhos políticos, procurando conhecer um pouquinho de como funciona o ser humano para encontrar os caminhos e fortalecer nossa linguagem; a Cultura e o Circo. Vivemos hoje momentos difíceis, movimentos adversos na economia, e na política. Não precisa de explicação. Extrema polarização, economia com os recursos indo para lugares tidos como menos prioritários por nós. Ao contrario disso, tem o ambiente interno muito favorável. Cheio de agentes capazes. Vimos, muito intensamente isso na ultima audiência. Muitas manifestações com muita qualidade, trazendo muito conteúdo. Isso alimenta a vontade de continuar lutando e fazendo crescer esse segmento que precisa de muito apoio e é tão desprivilegiada. E tem tanto valor desagregado. Um segmento tão importante que acaba... Estou enxergando um portal aqui, um portal incomum. Eu escutei as falas da semana passada, ouço as falas hoje, ouço as falas dos senhores representantes que estão aqui conosco, vejo que há um ponto comum. Não vejo só adversidades, e não vejo só dicotomias, vejo ponto comum. Vejo uma concordância de vontades e interesses. Vejo uma vontade de todos os representantes aqui, uma vontade de

todos que estão aqui representando a sociedade civil em aumentar o orçamento.

Se tem alguém aqui que entende diferente desse ponto de vista, por favor, eu peço para a gente organizar um ciclo de debates e palestras que eu quero entender qual é a coerência e qual é o benefício para o nosso segmento, seja o circense que é o meu foco ou seja o cultural, que é o nosso, qual é o benefício em reduzir o orçamento da cultura. Onde está a coerência nisso? Por favor, eu não consigo enxergar. Ajudem-me a organizar um ciclo de debates e palestras para que eu possa entender, quem sabe eu não estou vendo o benefício disso.

Eu trouxe um trecho uma citação da Ana Reis, que é uma pesquisadora e gestora de produtos culturais e produz muito conteúdo acadêmico pautado na gestão economicamente artística. Desculpa, não sei falar muito bem quem é Ana Reis, eu não a conheço pessoalmente, mas li vários textos dela e encontrei este que considerei pertinente trazer para que pudéssemos construir a nossa pauta, construir nosso raciocínio e fortalecer essa ideia de trabalhar em comunhão porque independentemente de nossas diferenças políticas e diferenças sociais, há uma comunhão. Eu vejo um portal que se passarmos juntos a gente tem um ponto comum.

“Cultura incorpora tudo o que o homem cria. Na Antropologia, o termo cultura é utilizado para designar o modo de viver. Na psicologia social, cultura engloba alguma forma nova de comportamento comunicada aos outros membros da espécie até que se torne comum. Para os artistas, de forma geral, cultura é tudo aquilo que os inspira e se concretiza em obras de arte.” Ela sugere considerar a cultura como a produção material e imaterial de uma sociedade que lhe dá o seu caráter distintivo. “O artista é considerado como um vanguardista nutritivo capaz de contextualizar no presente elaborações ainda flutuantes no inconsciente coletivo. Ele utiliza o vocabulário da estética para dar voz aos nossos sentimentos e pensamentos para por em contato fragmentos incomunicáveis de nós mesmos. Os maiores promotores desses bens culturais são as nossas queridas instituições culturais, centros culturais, museus, galerias e

demais instituições relacionadas que promovem exposições, concertos, debates, publicações, espetáculos em geral”. Essas instituições necessitam de recursos, sem recursos elas não podem dar esse apoio, não pode dar esse suporte.

Ainda segundo Ana, um dos mestres, um dos grandes encantos da área cultural é que há um arsenal de projetos elaborados aguardando ansiosamente para serem implementados e esse arsenal é praticamente inesgotável.

A gente viu isso na audiência passada, a gente vê isso hoje e quem conhece a realidade brasileira, paulistana ou de qualquer canto brasileiro sabe que isso é verdade. Temos agentes capazes, temos projetos lindos, todos com dificuldades de acesso aos recursos, todos executando 100% do projeto com 30% do orçamento, todos fazendo projeto sem recurso nenhum.

Agradeço a postura do relator e do sub-relator em fazer a revisão do orçamento. Corroboro e fortaleço a necessidade da gente fazer a correção dos 16% mais 5% incluindo as pautas direcionadas à linguagem circense, que são os 10 milhões para o fomento, que é 1,5 milhão para o centro de memória do circo e fortaleço a necessidade de que esses recursos sejam executados pela Secretaria da Fazenda, vide o histórico que nós temos. No ano passado, aprovamos quatro milhões para o circo. Efetivamente, foi executado um milhão. Para o centro de memória do circo, foi aprovado 600 mil, mas foram executados 300 mil.

São recursos que o segmento necessita, carece para poder se qualificar, para poder fortalecer a linguagem, para poder distribuir os bens produzidos, porém esse recurso não é executado. É uma tristeza pensar que isso é uma realidade.

Sr. Presidente, eu agradeço a oportunidade e convido a todos aqui a ultrapassar esse portal e trabalharmos a fim desse foco comum. Muito obrigado.

O SR. PRESIDENTE (Jair Tatto) - Obrigado.

Tem a palavra o Sr. Wagner, Zé da Lua.

O SR. WAGNER UFRACKER – Bom dia a todos. Meu nome é Wagner Ufracker,

mais conhecido como Zé da Lua. Estou aqui representando o Movimento SP Forró. São Paulo hoje possui vários grupos, artistas, do segmento do forró pé-de-serra, universitário. Eu sou lá de São Miguel Paulista. No bairro onde eu moro existem vários migrantes nordestinos. Aos oito anos de idade tive a oportunidade de iniciar essa pesquisa com a cultura popular, além do Forró também. Morei sete anos no nordeste pesquisando a cultura popular no geral não só o forró pé-de-serra, como reisado, maracatus, o coco.

São Paulo hoje tem um grande número de grupos de forró pé-de-serra de jovens. Tem muitos festivais de forró não só em São Paulo, como no eixo São Paulo – Rio de Janeiro - Espírito Santo, e falta recurso na opinião do nosso movimento. Existem membros de toda a região de São Paulo, temos aqui pessoas da zona Sul que representam movimentos de forró pé-de-serra da zona Sul. Da zona Leste, do Centro, zona Norte, de todas as regiões de São Paulo.

Nós queremos um recurso para ser destinado para esse estilo, aqui em São Paulo, que também é cultura, e cultura forte. São muitos sanfoneiros, muitos artistas desse gênero e a nossa juventude, aqui de São Paulo, aderiu a esse movimento a partir dos anos 2000, com aquele *boom* do forró universitário, que expandiu o forró para todo o Brasil de uma forma ampla. Então, solicitamos um recurso de 2 milhões para o forró em 2018, para que sejam atendidos todos esses artistas, não só com apresentações, mas também com oficinas.

A história do forró foi muito interessante. Recentemente foi feito um projeto que contou a história do forró. Para vocês terem uma ideia, hoje, na Europa são mais de 50 festivais de forró pé de serra. É algo muito bacana. É saúde também, as pessoas vão para dançar, vão para animar as festas. Então, a nossa reivindicação do programa SP Forró é que tenha um recurso, para 2018, destinado para esse movimento que tem um papel fundamental em nossa região e em todas as regiões. Temos representantes do forró aqui, hoje.

Então, reivindicamos uma rubrica de 2 milhões, em 2018, no orçamento da Cultura para o forró pé de serra, forró tradicional, forró universitário.

Alguns amigos falaram sobre a cultura popular. O forró pé de serra também faz parte da cultura popular. Mas eu acho interessante direcionar um recurso para o forró pé de serra.

Parece-me que foi cortado o recurso dos mestres de cultura. Eu estive em Fortaleza e eu vi que os mestres, que são reconhecidos como mestres de cultura recebem um salário mínimo por mês. Então, aqui que está na hora de São Paulo reconhecer os mestres de cultura.

Boa tarde a todos. (Palmas)

O SR. PRESIDENTE (Jair Tatto) – Vinícius.

O SR. VINÍCIUS – Bom dia a todos.

Sou Vinícius, nascido e criado na Cidade Tiradentes. Venho aqui pelo movimento *hip hop*, reivindicar os 8 milhões que são necessários para ter estrutura em nosso movimento. Esse dinheiro é destinado para o mês do *hip hop* e nas casas de cultura do *hip hop*.

Um amigo meu esteve na última audiência e ele reivindicou verba para a UBS localizada na rua onde ele mor, Rua dos Têxteis. Quando ele soube que eu vinha aqui, ele mandou reforçar o pedido. A UBS da Rua dos Têxteis continua sem médicos e sem medicamentos.

E levando também para o meu lado, do lado dos Ferroviários, tem um problema que acontece há 24 anos, até mais se duvidar, que é a condução. A perua, lá, é a 4086-10. É a mesma palhaçada de sempre: demora um ano para levar o pessoal lá. Às vezes, chegamos ao terminal e temos de esperar mais de uma hora. Aquele pedaço do Ferroviários é uma área um pouco arriscada, então não tem condição das pessoas irem a pé até chegar ao terminal velho. Então, tem de ter essa perua circulando com menor intervalo. Tem de haver uma maior rotatividade. Esse é o principal problema da minha região, do Ferroviários.

Obrigado. (Palmas)

O SR. PRESIDENTE (Jair Tatto) – Rodrigo.

O SR. RODRIGO – Bom dia a todos.

Aqui já foi muito falado sobre o movimento da cultura *hip hop*. Eu queria só reforçar a reivindicação do amigo. Reivindicamos com rubrica o orçamento para 2018: 1,5 milhão na pasta de Secretaria da Cultura para a execução do mês; 500 mil na pasta de Secretaria de Direitos Humanos para a execução do Mês do *Hip Hop*; 1 milhão de reais na pasta de Educação, para execução também; 500 mil na pasta de Secretaria da Cultura. Ao todo, chega a 8 milhões de reais.

Eu queria saber, e não só eu como vários amigos também, se realmente esse dinheiro será investido.

Muito obrigado a todos. (Palmas)

O SR. PRESIDENTE (Jair Tatto) – *Rapper Pirata*.

O SR. RAPPER PIRATA – Bom dia. Bom dia aos servidores públicos, lembrando que no Restaurante Estado o servidor serve.

Os servidores públicos não são obrigados a estarem aqui. Vocês não vão ser exonerados.

As políticas voltadas para a Cultura servem para todas as pessoas trabalharem, para as pessoas terem acesso à Cultura. O ruim é quando outras pessoas tentam falar da nossa parte, do *hip hop*, mas não dialogam com a gente. Só que somos comuns a todas as pautas e respeitamos cada lugar. E, aí, tem uma situação, do *hip hop*, que é importante: quando falamos de acesso, falamos de acesso às pessoas. Não é: as pessoas selecionadas do movimento *hip hop*. Em momento algum estamos falando aqui que tem de mandar coisa para o fulano. Queremos acesso à cidade de São Paulo. Na Casa de Hip Hop da zona Leste, o *hip hop* da Leste tem de estar lá dentro do bagulho, independente se tem cem anos de *hip hop* ou se começou agora, porque é dinheiro público e é acesso. Nas outras regiões também.

E desejamos os 8 milhões de reais. E, aí, Turin, está o maior boi, parça. Onde está a grana? Segurança pública, tem a parte dos GCMs, falam dos funcionários toda hora, mas

tem a outra parte que vai para outros contratos públicos, que não sabemos, certo? Então, é só tirar a grana de lá. Da Secretaria de Governo também tira uma grana lá, porque a função Cultura são 700 e poucos milhões e estamos discutindo 400. Só tira uma parte desse dinheiro e coloca na Cultura, para todos terem acesso.

Não acho que as pessoas que estão vindo aqui estão falando o dinheiro para um grupo específico, porque se for para um grupo específico, está errado. Acesso a todos os indivíduos da Cidade que fazem Cultura, independente de sua classe social. Só que o foco é periferia, certo parça, porque é dinheiro público.

E, aí, Secretaria de Cultura. Precisamos saber, porque temos algumas dúvidas referentes às nossas pautas. As nossas pautas, que estamos colocando para a Cidade, tem de chamar o movimento *hip hop* para trocar ideia. Em momento algum houve o diálogo do movimento *hip hop* em que o indivíduo X é o dono da pauta. Estamos discutindo o orçamento para a cidade de São Paulo, não é para um indivíduo ou para dois. É para todo mundo.

A Secretaria de Fazenda tem a grana. Tem uma moça que queria debater comigo sobre dados, dados deles, de 2008 até 2017 só aumenta o orçamento. Tem 50 bilhões deste ano. Até 2020 o orçamento também é alto. Então, é ruim falar de números. Quem entende os números que eles falam aqui, com um monte de gráficos? Aquilo é um saco! Só que esses gráficos têm a ver com a nossa vida. Os funcionários públicos que vão executar esse dinheiro.

Estamos todos falando a mesma coisa e a Secretaria de Finanças tem de ouvir isso. Os dados da Secretaria de Finanças não servem para a cidade de São Paulo. Não há crise. É sério. Parem com isso. Como é que tem crise sendo que entre os orçamentos de 2018 a 2020 só tem aumento? Quem está em crise? (Palmas)

Têm outras fitas, que são as escolhas políticas. Nós estamos debatendo essa fita hoje e, depois, temos de estar juntos para falarmos para a Prefeitura executar, porque ela não executa. Ela não vai executar, só que ela tem de executar o orçamento.

Só reforço: Secretaria de Cultura, chame o movimento *hip hop*. Não uma pessoa do

movimento *hip hop*. Todo o movimento do *hip hop*, porque a nossa luta é para todo mundo. As Casas de Cultura de *Hip Hop*, pelas quais estamos brigando, não são casebres. São uma estrutura e precisam estar *na localidade*. *Porque o hip hop é só um detalhe, porque os indivíduos que fazem o hip hop são da periferia*. O *hip hop* é só um detalhe. Estamos falando de acesso. Acesso a direitos. E Cultura, já falamos. Cultura não é da elite. Cultura não é dos pobres. Cultura é de todo mundo. E Cultura não é entretenimento. Sou contra a cultura racista, sou contra a cultura homofóbica, sou contra vários tipos de preconceito. Preconceito é ruim, porque alguém morre e sofre por causa do preconceito. Você pode ter qualquer “merda” de opinião sua, mas alguém se ferra por ser obeso, alguém se ferra por ser homossexual, alguém se ferra por ser preto. E a maioria das pessoas que se ferra, são cidadãos que não tem acesso ao orçamento público. Política é orçamento público, o restante é discurso. (Palmas)

O SR. PRESIDENTE (Jair Tatto) – Sandro.

O SR. SANDRO – Eu decidi ler essa espécie de manifesto, para poder me adequar ao tempo.

Eu sou Sandro Borelli. Sou o atual presidente da Cooperativa Paulista de Dança. Sou coreógrafo, artista da dança, e queria parabenizar o companheiro Dorberto, novo presidente do SATED.

“Cargos Legislativo, Executivo e trabalhadores da Cultura aqui presentes, estamos mais uma vez seguindo nossa histórica *via crucis* na luta por uma arte/cultura que seja livre da ignorância, da inoperância e da desfaçatez da imensa maioria dos integrantes do Parlamento e do Executivo deste país.

Estamos aqui porque, mais uma vez, esta atual gestão municipal tenta achacar a soberania e grandeza da cultura paulistana, propondo cortes orçamentários que atacam toda a categoria, toda uma categoria, que produz cidadania, reflexão, espírito crítico, humanismo, diversidade, história, etc, etc.

Desculpem, senhores parlamentares e representantes do Executivo. Garanto que

poucos aqui têm a lembrança ou sequer compreendem que a cultura é patrimônio imaterial, histórico de grande valor do nosso povo. Pois se estivessem atentos a isso, não estaríamos aqui em guerra aberta, mais uma vez, por um orçamento digno para nossa área.

O que estamos vendo em São Paulo atualmente, poderíamos até chamar de o espetáculo de horror, com um elenco de péssima qualidade. É uma gestão perversa, que não prima pela verdade, infelizmente. Procura desconstruir políticas públicas desenvolvidas pela sociedade civil que, inclusive, contou com o apoio desta Casa, aqui, inúmeras vezes.

Senhores, no momento em que esta gestão tem a desfaçatez de propor um corte de 15,76%, mais ou menos isso, no orçamento da Cultura para 2018, que, em números, podemos dizer que vai gerar em algo em torno de 82 milhões de reais. Com essa proposta absurda, golpeia todos os programas de fomento, programas de formação, bibliotecas, manutenção dos espaços públicos. Ressalto aqui que, em outras ações culturais, simplesmente houve um corte total. Passaram a faca. Simplesmente isso.

Com isso, esta gestão escancara toda a sua sordidez, em relação à Cultura de São Paulo. Um *modus operandi* reacionário de gestar Cidade. Um retrocesso civilizatório terrível.

Portanto, estamos aqui apelando aos parlamentares desta Casa, para que tenham o mínimo de sensibilidade e de bom senso e não aprovelem essa proposta indecente”.

Sou obrigado, também, a fazer um trocadilho criativo aqui, afinal de contas somos artistas e eu também sou. Cultura não é razão. Cultura não é coisa de vagabundo. Cultura é reflexão, tesão e nação.

Obrigado. (Palmas)

O SR. PRESIDENTE (Jair Tatto) – Roberto Minesuki.

O SR. ROBERTO MINESUKI – Bom dia a todas e a todos os presentes.

Muito obrigado pela oportunidade.

É fundamental o trabalho desta Casa, e apoiar os projetos culturais desta cidade, por todos os cantos desta cidade.

Eu sou paulistano da Vila Prudente. Quando fui criado na Via Prudente a minha rua não era asfaltada e o meu bairro não era asfaltado, praticamente. Mas eu tive uma oportunidade grande. Apesar de vir de uma família de oito – eu sou o número cinco de oito filhos, meu pai era Sargento da Polícia Militar -, eu pude começar a estudar música na minha igreja. Mas quando eu tinha nove anos, o meu pai me inscreveu na Escola Municipal de Música de São Paulo, local em que, até hoje, se ensina música com os melhores professores do Brasil. O meu professor de trompa era músico do *Theatro* Municipal de São Paulo. E eu, todas as manhãs de segunda e quinta-feira, saía lá da Vila Prudente às 6h30min e pegava um ônibus lotado para ter aula de música no *Theatro* Municipal – aulas gratuitas, aulas que eu, graças a Deus, tive a oportunidade de ter. Formei-me e os meus irmãos também, assim como muitos músicos que, ainda hoje, vêm de todos os cantos de São Paulo para terem a oportunidade de estudar música, de desenvolver seus talentos, de se esforçar e terem uma chance como músicos, como profissionais, como cidadãos.

Eu, aos 14 anos, fiz com concurso público e me tornei músico do *Theatro* Municipal de São Paulo como trompista. Tive esse prazer, essa grande oportunidade. Depois, ganhei uma bolsa de estudos e fui estudar fora do Brasil. Fiquei 8 anos fora do Brasil e, antes de voltar a São Paulo – porque eu estive 12 anos fora de São Paulo -, retornei este ano para ser o Maestro do *Theatro* Municipal de São Paulo. Estava como Maestro no Canadá. Recebi o convite e fiquei muito feliz em poder retornar a São Paulo, à minha cidade, para poder, hoje, reger o *Theatro* Municipal e realizar esse sonho de trabalhar com esses músicos que estão aqui, com os coralistas do Coro Lírico da Orquestra Sinfônica Municipal de São Paulo.

Então, existem iniciativas e projetos de muita validade, de muito valor aqui em nossa cidade. Temos vários músicos e vários cantores que saíram de nossas periferias, gente talentosa, gente que sonha, gente que foi atrás e gente que teve a oportunidade.

Eu gostaria de ressaltar que existem grandes iniciativas e gostaria de deixar, aqui, o meu desejo e o meu pedido para que vocês possam dar continuidade, para que os

investimentos continuem sendo feitos da melhor forma, em toda a cidade de São Paulo. Isso tudo para que pessoas talentosas, pessoas com garra, possam realizar os seus sonhos, possam servir à sua comunidade, à sua cidade.

Enfim, eu não sou muito bom orador, mas vamos deixar um presente para vocês, hoje, com os músicos do *Theatro Municipal*, cantores, e vamos fazer *Aleluia do Messias*. Nesta sexta, sábado e domingo estaremos apresentando, completo, *O Messias*, de Händel, e gostaria de convidar a todos, os preços são acessíveis, baratos, no *Theatro Municipal de São Paulo*, nesta sexta-feira, às 20h, no sábado, às 16h30 e no domingo, às 17h. É um concerto informal, para família, praticamente gratuito, crianças são bem-vindas e podem ouvir a um espetáculo com orquestra, com coro, com os artistas do *Theatro Municipal*.

Para vocês, *Aleluia*, de Händel.

- Apresentação musical.

O SR. PRESIDENTE (Jair Tatto) – Sr. Rude.

O SR. RUDE – Bom dia a todos.

Zé, você apresentou um vídeo no começo que apareceu três instituições bancárias que tem problemas de dívidas pesadas com a Prefeitura de São Paulo. Interessante porque dali pode vir recurso para a cultura.

Temos de prestar atenção porque a Secretaria da Fazenda. O Caio Megale é o Secretário da Fazenda e a gente teve algumas conversas ao longo deste ano. O curioso é que uma das instituições que apareceu é o Banco Itaú. Adivinha de onde vem o Caio Megale? Ex-executivo do Banco Itaú. Ele é o cara que tem a chave do cofre. A gente sabe que é difícil sair dinheiro dali então temos de sensibilizá-lo muito para que isso aconteça. Recurso tem.

Não é possível que toda vez que a economia vai mal, corta cultura. Quando a economia vai bem, corta a cultura também. É sempre assim. Então, não é possível que não compreendam cultura como prioridade de Estado, como cidadania.

Aos companheiros do *Theatro Municipal*, eu sempre me comovo com vocês. Mas

tem uma questão que para fazer a luta do nosso lado, vocês precisavam estar mais perto de nós quando vai descongelar cultura, em todos os momentos. Maestro, precisamos estar juntos. Não somos inimigos de vocês. Não estamos lá querendo tirar o dinheiro de vocês. (Palmas)

Queremos que cultura seja vista como prioridade. Não quero tirar 140 milhões do Theatro Municipal. Eu quero que a periferia tenha também.

Vereadores, quando vocês aprovam o orçamento, é uma ferramenta de luta mesmo que às vezes eles não executem, a gente consegue lutar para executar porque foi votado na Câmara.

Quando o governo entra, ele vai fazer a política dele. Isso é velho na política brasileira. Precisamos lutar para estarmos mais juntos, companheiros. *Aleluia* eu vou cantar quando vocês estiverem conosco na luta. Ai estamos juntos. (Palmas)

Sei que o Vereador Ricardo Nunes tem experiência, já viveu vários momentos. Peço a sensibilidade dos senhores para entender que aprovar esse orçamento que estamos pedindo de 518 milhões mais 5%, ou seja, mais 100 milhões do que foi mandado pelo Executivo não é uma bravata nossa, isso vira uma ferramenta de luta para podermos pressionar o Executivo.

Esse caminho a gente faz junto. Sempre foi assim. A gente sempre tem de ir lá batalhar pela execução.

Não estamos separados, estamos juntos. Às vezes tentam nos separar porque é fácil dividir. Mas estamos juntos. *Aleluia* quando estivermos todos juntos. (Palmas)

O SR. PRESIDENTE (Jair Tatto) – Sr. Fábio.

O SR. FÁBIO SIQUEIRA – Bom dia, distinta população da cidade de São Paulo que, a exemplo da audiência passada, mostrou e mostra e mostrará a importância da cultura e da arte nesta Capital.

Saúdo os parlamentares, membros da Secretaria de Cultura e, em especial, os artistas presentes porque não se faz cultura e arte sem artistas. Lembramos quantas vezes o

herói do Sec. XX Heitor Villa-Lobos tocou no Theatro Municipal de São Paulo. Esse é motivo de orgulho para a cidade de São Paulo. Além do que é um teatro público. Tomará que continue assim. E outros grandes nomes como Francisco Mignone nasceu na capital paulista, Souza Lima, Armando Belardi foi diretor do Theatro, então, é uma história vitoriosa da cultura não só na música erudita, mas em todos os segmentos.

É lamentável, em vista de tudo isso, que é cortado 16% comparado ao último orçamento.

É inaceitável ver que o Programa de Renda Mínima foi tão reduzido. É inaceitável que a operação de observatório de políticas sociais e inclusão cultural foi zerado na gestão Dória, que os jogos municipais dos idosos, JOMI, não foi nada executado este ano.

E eu também defendo aqui o direito da cultura dos idosos, porque na lei aprovada nesta Casa é uma diretriz para o segmento do idoso na questão cultura. Então deve haver dotações no orçamento da Cultura, como também no esporte, para atender a terceira idade. É algo lógico e já presente na questão da lei do Município.

Quero entregar também ao Relator Ricardo Nunes, com cópia ao Relator Zé Turin, da área da Cultura, um documento assinado pela presidente do Museu da TV solicitando o cumprimento da Lei 14.756 que cria o Museu da Televisão na cidade de São Paulo. É importante que esse documento tramite na comissão e que essa dotação também será entregue ao Relator do PPA Vereador Atilio Francisco para que, se existe uma lei, seja cumprido. E a televisão nasceu aqui em São Paulo, dia 18 de setembro de 1990; muito fez pela música erudita, muito fez e faz pela música popular, pelo cinema, pelo teatro, pelo circo. O Piolim teve programa de televisão, o Arrelia, grandes palhaços da história do circo do século XX, Carequinha e o Fred. Então é lamentável que a história da televisão não seja contemplada como diz a própria lei de 2008.

Quero entrar também, por fim, lembrando outro vulto da cultura da música a Magdalena Tagliaferro, pianista mundialmente conhecida, sua fundação, existe uma lei que

precisa ser subvencionada pela Prefeitura. E eu leio aqui na dotação, já na Getão Doria, que nenhum centavo foi dado, não só à Fundação Magdalena Tagliaferro, mas a nenhum órgão! Tem 7 milhões e nada foi executado ao MASP, ao MAM, e a várias entidades que, por lei, devem receber a subvenção cultural do Estado. E acho que outras entidades devem entrar aqui também, por importância documental na história de São Paulo.

Também quero protestar, é um absurdo completo, pela não execução da Dotação 3400: construção e requalificação, ou reforma de equipamentos culturais. São R\$ 16 milhões e até o momento, até 31 de outubro, ou seja de 1º ao 10º mês deste ano nada foi nem empenhado, então, esse dinheiro vai desaparecer. E aí eu lamento muito que regiões carentes como Pirituba, Campo Limpo, lembram do CEU das Artes? Está aqui também: 2 milhões. Será que vai ser extinto esse projeto? Itaim Paulista, Cidade Ademar, São Miguel, Parelheiros, Ermelino Matarazzo, Vila Prudente, São Mateus, M'Boi Mirim, Capela do Socorro, Vila Maria, e várias outras áreas, Casa Verde, prejudicadas pela não execução da 3400. O Governo Haddad não executou grande parte e de novo a Gestão Doria não está executando.

Também queria solicitar o seguinte. A Freguesia do Ó é um dos bairros mais antigos da Cidade. É um bairro que tem 400 anos, mas não tem teatro. Parece brincadeira. Fizeram um anfiteatro na Casa de Cultura Salvador de Gaubi, um arremedo, desculpe, e o teatro não existe. Não existe um teatro num dos bairros mais antigos dessa cidade e que muito contribuiu, por sinal, com a cultura na cidade de São Paulo, como é a Freguesia, a grande Nossa Senhora do Ó.

Ah, estou vendo uma coisa importante aqui: pontos de cultura. Nada foi executado desta dotação, a 3401. Eu gostaria de uma explicação, pois o ponto de cultura o Cultura Viva, que é um projeto do Governo Federal tem como escopo trazer a cultura para a periferia. E pelo fato de a Gestão Doria não executar essa dotação parece, eu observo, que não há interesse de levar a cultura para a periferia, pois sua execução do montante de 32 milhões, só se liquidou 650 mil, não chegou nem a 1 milhão da dotação pontos de cultura, Cultura Viva, o que é uma

coisa muito triste.

E, para contribuir com o debate, queria que fosse devolvido um fato irregular da Gestão Haddad – Nabil Bonduki que foi o cancelamento da dotação 3399: construção e reforma dos centros culturais de referência. Estamos aqui com a conselheira Terezinha, de Itaquera, e outro orador que falou aqui sobre o Centro Cultural de Itaquera, estava na dotação e sumiu. Por isso está parada há dez anos. Nem a dotação é respeitada! E o Centro Cultural do M'Boi Mirim também está nessa situação: R\$ 1,2 milhão. Então que a 3399 seja recomposta urgentemente para o Orçamento. É isso. Muito obrigado. (Palmas)

O SR. PRESIDENTE (Jair Tatto) – Obrigado. Vou chamar o Marcos Ferreira, o Américo, depois o Luciano e, em seguida, a Clara. Depois, o Vereador Zé Turin, que é Subrelator precisaria fazer uma exposição do quadro.

Quero, antes, anunciar a presença da Vereadora Juliana Cardoso. Também presente o sempre Deputado Adriano Diogo. Foi Secretário da Cultura também? (Pausa) Só do Verde, não é? Ele saiu, mas daqui a pouco volta. Faltam 26 inscritos, vamos acelerar. Chamei a Vanessa? (Pausa) Vanessa, depois o Marcos.

O SR. RICARDO NUNES – Sr. Presidente, pela ordem. Nós não temos o código 3399. Na cultura não tem.

- Manifestação fora do microfone.

O SR. RICARDO NUNES – Ah, de 2015.

- Manifestação fora do microfone.

A SRA. VANESSA – Vou passar um vídeo. Queria que fosse apagada a luz, por favor.

- Apresentação de vídeo. (Palmas)

A SRA. VANESSA – Taí. Resolvemos desenhar um pouco o que foi falado reiteradamente o que foi falado aqui. E, na verdade, é uma pergunta que precisamos de resposta, precisamos ouvir da Secretaria da Cultura se foi arrecadado mais, no mesmo período

do ano passado, e por que não foi executado. É uma pergunta que realmente precisa ser esclarecida, e é uma pergunta que eu faço, somada à outra pergunta: recentemente foi aberto inquérito civil pelo Ministério Público, questionando possíveis irregularidades na implementação do Plano Municipal de Cultura.

E o que acarreta isso? Acarreta um desmonte nos programas culturais, porque tem uma meta que prevê 2% do Orçamento para a Cultura. Foram aprovado 0.9, com o congelamento foi para 0.7 e foram executados 0.5. Então queremos saber por que isso acontece, queremos um esclarecimento da Secretaria Municipal de Cultura e também complementando o esclarecimento, queremos saber por que, nesta gestão, tem tantos processos suspensos pelo TCM, correndo mais ainda o risco de não executarmos o pouco dinheiro que resta para a Cultura. Se vocês pudessem realmente esclarecer, nós agradecemos. Obrigada (Palmas)

O SR. PRESIDENTE (Jair Tatto) – Obrigado Vanessa. Agora, Marcos Ferreira, depois o Américo. Quando anunciamos, peço que já fiquem próximos, por favor, para ganharmos tempo. Américo, depois a Luciana e depois a Clara.

O SR. AMÉRICO CÓRDOBA – Bom dia a todos. Já foi colocado pela colega e, aliás, essa audiência está muito boa, porque está havendo muita informação vinda dos munícipes e grupos organizados que estão fazendo exatamente o que todo cidadão deveria fazer: acompanhar o que a gestão está fazendo.

Meu ponto aqui é falar sobre o Plano Municipal de Cultura. O Vereador Zé Turin, primeira gestão dele, não sei se conhece o processo, mas foram praticamente um ano e meio de muito trabalho que envolveu toda a cidade de São Paulo. Também houve uma consulta pública on line e tiveram mais de 25 audiências públicas entre regionais e temáticas. O Plano tem 20 metas, está muito claro e é um planejamento para dez anos. No entanto, a atual gestão não deu nenhum posicionamento, nem quanto dessas metas estão sendo executadas.

Queria colocar aqui que nós precisamos linkar a execução do PPA e do Orçamento,

relacionada a cada meta do Plano Municipal de Cultura. Nós temos mais de 96 ações que foram discutidas, debatidas e aprovadas. O Plano Municipal de Cultura, infelizmente, foi um decreto do ex-Prefeito Haddad e ele precisava tramitar como lei dentro desta Casa, portanto, já fica colocado para esses Vereadores desta gestão para que abracem o Plano e entendam o que é um planejamento de dez anos.

O sistema nacional de cultura está sendo regulamentado neste momento, foi uma longa batalha. Temos mais de 2,7 mil municípios que aderiram ao Sistema Nacional de Cultura. Então temos de transformar a Cultura como a política de Estado, não a política de Governo ou de Gestão. E ela tem de ser respeitada porque a sociedade está, cada vez mais, participando desses processos, seja em audiências públicas, seja em consultas. A participação é fundamental.

Portanto, gostaria muito que no PPA e, principalmente, na execução da LOA do próximo ano que já estivesse atrelado ao percentual do que está sendo executado do Plano. Temos um sistema de informação cultural, o SP Cultura que é uma ferramenta justamente de transparência. Precisamos construir um modelo de acompanhamento da execução. É o mínimo que precisa ser feito. E queria parabenizar aqui o movimento da periferia, o Pablo e o Jesus, que fizeram um trabalho que deveríamos ter isso como função da própria Secretaria, e, assim, sabermos onde estão sendo gastos os nossos recursos. E a execução desses recursos é fundamental para que possamos, nesses dez anos, atingir o que foi discutido.

Outra coisa: nós deveríamos ter tido, deveria ter acontecido, esse ano, a 4ª Conferência Nacional de Cultura. Esse Governo que está aí, claro, não tem o menor interesse, mas precisamos chamar mais uma Conferência Municipal de Cultura e alinhar com os Vereadores, com o Executivo, para execução desse plano. Obrigado. (Palmas)

- Assume a presidência o Sr. Ricardo Nunes.

O SR. PRESIDENTE (Ricardo Nunes) – Não tem coisa pior do que cortar o tempo das pessoas, mas preciso dizer a vocês, há 22 inscritos, era para acabar meio dia,

precisaríamos compreender que o importante da audiência pública é termos respostas das pessoas do Executivo. Então vai acabar a audiência e não teremos oportunidade de ter as respostas, talvez não fosse o mais apropriado. Vou fazer o seguinte, se vocês concordarem, fala o Américo, a Luciana, a Clara, o Relator Zé Turin quer falar, daí o pessoal da Mesa poderia ir respondendo, se não vamos perder todo o contexto da audiência. Vamos lá. Américo Córdoba, depois a Luciana. Ah, o Luciano acabou de falar. Marcos não falou? (Pausa) Então acabamos invertendo. Fala a Luciana que já está aqui, depois fala o Marcos Ferreira e o Luciano já falou. E seguinte, nessa etapa, a Clara. Por favor.

A SRA. LUCIANA BORTOLETTO – Olá, meu nome é Luciana Bortoletto, sou artista da dança, estou aqui com o movimento A Dança se Move, do qual a Vanessa também faz parte, tem outras pessoas que também fazem parte.

Eu trabalho basicamente com dança em espaços públicos, em contexto urbano, na rua, no meio da multidão, no Centro de São Paulo, há dez anos. E, há 6 anos, no Centro Histórico de São Paulo vivendo aquela realidade com arte.

Para começar, lembrar que Cultura está em absolutamente tudo que fazemos: nossos hábitos, valores, aquilo que acreditamos que o outro é, nossos preconceitos também são culturais. Cada um de nossos gestos, hábitos e valores fazem parte da cultura. O ataque à arte que mina e descaracteriza leis de fomento e programas de formação artística, legítima, fomenta, sim, outro tipo de cultura, que é a cultura do ódio e do medo.

O que vou dizer aqui diz respeito a essa Casa e ao que é público, e o Poder Legislativo pode nos ajudar a transformar realidades nessa Cidade. Há cerca de um ano cresce exponencialmente, vejam bem, há cerca de um não cresce exponencialmente o discurso de ódio contra artistas de São Paulo ditos pelo próprio Poder Público e reproduzido de forma irresponsável e reproduzido por jornais e, conseqüentemente, por uma parcela da população que desconhece o outro lado da moeda, o outro lado da história.

O efeito disso precisamos refletir a responsabilidade de uma gestão que dissemina

uma visão extremamente negativa dos profissionais da arte de São Paulo e das políticas públicas para a Cultura. Trata-se de um efeito em onda que chega na ponta, nas ruas, colocando a nossa integridade em risco.

As pessoas estão recebendo a arte na rua com maior agressividade e rejeição. E não é caso isolado. São ataques verbais com a coragem de quem sabe da impunidade de certo respaldo institucional, indireto e informal. Diga-se de passagem discursos religiosos fundamentalistas e políticos também.

O SR. PRESIDENTE (Ricardo Nunes) – A audiência é de Orçamento, você sabe né?

A SRA. LUCIANA BORTOLETTO – Sei. (Pausa) Ataques verbais. Estamos vulneráveis apesar de termos nosso direito garantido pela Constituição Federal e por uma Lei Municipal.

É contraditório naturalizar o Centro da Cidade como um grande banheiro público a céu aberto. ter carros acelerando calçadas, mas rechaçar e intimidar artistas que estão ali nesse local, trabalhando por algumas horas por dia. Fundamental que as diferentes secretarias e subprefeituras se esforcem para dialogar entre si, acolhendo e apoiando os trabalhos dos artistas que atuam diretamente no contexto urbano. O Poder Legislativo deve nos apoiar e isso envolve orçamento. Reconhecendo a importância de preservar e ampliar as políticas culturais e a mudança de mentalidade sobre a arte na sociedade, porque os recursos e o orçamento têm a ver com educação também e com cultura. Nós, profissionais da arte, vivemos essa cidade como qualquer outra pessoa, somos parte da multidão de trabalhadores. Isso diz respeito ao orçamento e à cultura do Poder Legislativo, Executivo e Judiciário sobre o que é arte e o que é cultura.

O meu apelo é sobre a importância de não legitimar o preconceito e agressão ao artista de rua ou qualquer outro trabalhador profissional da arte dessa cidade e preservar os recursos públicos para a cultura e a arte. Rua não é apenas lugar de passagem, nem de servir

como banheiro público a céu aberto, é onde a arte também deve estar porque tem patrimônios materiais, imateriais e afetivos. Isso é cultura.

E para finalizar, eu quero dizer que isso que estou dizendo aqui pode parecer que não tem a ver com o orçamento, mas tem tudo a ver porque a gente está numa gestão que criminaliza o artista, subjuga a arte e a gente precisa mudar isso e o Poder Legislativo tem essa função também. (Palmas)

O SR. PRESIDENTE (Ricardo Nunes) – Tem a palavra o Sr. Marcos Ferreira.

O SR. MARCOS FERREIRA – Bom dia todas e a todos, bom dia às pessoas da Mesa. Eu sou Presidente da Associação de Sambistas Terrenos e Comunidades de Samba do Estado de São Paulo.

Por que estou vindo aqui me pronunciar? É um segmento muito novo esse que estou a frente porque ele mexe com um segmento do samba que não fala das escolas de samba e sim o samba na sua outra pluralidade, que são as comunidades de samba e os sambistas independentes.

Nós aprovamos aqui nesta Casa, no ano passado – eu digo nós porque foi do nosso coletivo do samba - um projeto que se chama Estatuto do Samba. Esse Estatuto do Samba prevê fomento, preservação e manutenção e não foi discutida uma rubrica orçamentária para a gente estar fomentando isso. O ano passado, por conta do centenário da gravação do samba *Pelo Telefone*, nós desenvolvemos uma atividade, desde o dia 20 de novembro a 02 de dezembro, nas casas de cultura que estão exatamente ao lado dessas comunidades de samba que faço parte. Então, em cada comunidade de samba na zona Sul, zona Leste, zona Oeste, tem um aparelho público. Nós utilizamos esses aparelhos públicos para estar fazendo apresentações artísticas dessas comunidades e desses sambistas que não têm grande espaço na mídia. A ideia era dar continuidade e continuar fomentando isso. Não existe ainda uma rubrica orçamentária, apesar do Estado ter tombado o samba como patrimônio imaterial, tanto na esfera do município como na esfera do estado, e esse trabalho

de continuação não foi feito porque não foi passada uma rubrica orçamentária.

Eu gostaria, já que estamos falando direccionalmente para a parte de finanças, que seja pensada nesse escopo que não faz parte da escola de samba, que é o movimento a parte, que tenho o mapeamento na mão, que a gente conseguiu mapear 60 comunidades de samba, depois entrego para cada um dos senhores, isso só no município de São Paulo e mais 45 no estado, que já vai para outar audiência, que é a segunda edição desse guia, e não está sendo atendido.

Essas comunidades não fazem só samba, elas dão uma contrapartida sociocultural. Por exemplo, eu vou pegar a comunidade do Samba do Livro. A entrada para a pessoa curtir o samba é dar um livro. Temos a comunidade do samba do Maria Zélia, que investem o dinheiro e compram computadores para dar inclusão digital. Tem uma outra comunidade que arrecada alimento não perecível, tem outra que arrecada agasalho. Então essas rodas de samba não fazem simplesmente o trabalho de estar tocando samba, o samba tem uma função muito maior do que só a função como segmento musical, ela tem uma função cultural e social.

Eu vou passar o guia para vocês. Estou com um parceiro para dividir o meu tempo, vai ser rápido.

O SR. ASSOERO CAETANO – Eu faço parte do movimento Samba Brasil. Obrigado por ceder o tempo. Eu queria fazer um apelo bem rápido e direto ao nosso relator, Vereador Ricardo Nunes, e ao sub-relator Vereador Zé Turin, que justamente na parte que o meu companheiro que me antecedeu falou, de ter uma rubrica específica de atividade cultural para a gente conseguir executar, porque tivemos o centenário do samba e quase nada foi feito pela Secretaria, infelizmente, está passando em branco, dia 02 de dezembro está aí, são 101 anos de samba, e esses Vereadores – por que estou me dirigindo diretamente aos Vereadores? – porque sou da zona Sul de São Paulo e nos últimos 40 dias eu pude acompanhar que os dois Vereadores juntos fizeram, através de emenda, atividades, aproximadamente dez atividades, Vereador Ricardo Nunes lá no Jefão, no Samba do Porto,

ontem mesmo estive no Maracá, que é nosso Vereador da região e eu acompanho, e o Vereador Zé Turin que também é da zona Sul, tivemos um evento que eu participei, no Largo 13, teve o Samba da Edite, só que os dois, um é relator, o outro sub-relator, e eu queria fazer esse apelo para colocar específico do samba, assim como o hip-hop tem, o Theatro Municipal tem, quero dizer que estou junto com vocês.

O SR. PRESIDENTE (Ricardo Nunes) – Tem a palavra a Sra. Clara Gouveia. Depois da Clara nós vamos fazer umas respostas.

A SRA. SOLANGE BORELLI – Não é a Clara, é a Solange Borelli, Clara me cedeu a fala. Senhores e senhoras, mais uma vez nos convidam para vir aqui ocupar salas, cadeiras e tribuna, para ocuparmos microfones, o tempo e os ouvidos. Os senhores nos escutam?

O SR. PRESIDENTE (Ricardo Nunes) – Eu sim.

A SRA. CLARA BORELLI – Os senhores os entendem?

O SR. PRESIDENTE (Ricardo Nunes) – Perfeitamente.

A SRA. CLARA BORELLI – Às vezes me pergunto se não estamos todos participando de um ritual sem fé. Um protocolo, uma mera encenação que vai apenas referendar a vontade perversa e mesquinha de algum mandatário. Somos pessoas da cultura, fazedores da cultura, trabalhadores da cultura. Nos custa muito vir aqui, nos custa tempo, nos custa trabalho, nos custa organização, nos custa o esforço de ter que defender o óbvio. A maioria de nós está perdendo algo para estar aqui: aulas, trabalho, ensaios, reuniões, afazeres de toda sorte. Os senhores não, os senhores e as senhoras estão em seu trabalho. Esse não é o nosso trabalho. O nosso trabalho é o de fazer a cultura por toda a cidade e qual é o trabalho dos senhores? Os senhores acreditam em seu trabalho? Nós acreditamos no nosso e estamos todos perdendo alguma coisa para estar aqui e defender o nosso direito de trabalhar. Os senhores têm pouco a perder e esse pouco, a maioria dos senhores já perdeu. Para nós, defender a cultura é defender a dignidade das pessoas, para nós defender a cultura é defender o que nos separa da barbárie. Essas reuniões, encontros, falas não dizem respeito a números,

contas, aritmética, isso é mentira. Nada aqui diz respeito a número e contas. Não nos enganemos, nós, da cultura, sabemos, estamos discutindo escolhas e não números. Se fossem números um simples calculadora bastaria para soterrar toda política, uma simples calculadora bastaria para enterrar todos os políticos, uma simples calculadora bastaria para soterrar todas as casas legislativas. Se hoje os senhores se permitirem ser substituídos por simples calculadoras, saibam, é certo que em pouco tempo serão de fato substituídos. Aqui, estamos discutindo escolhas, estamos discutindo vontades, estamos discutindo o sentido que damos ao nosso trabalho. O trabalho dos senhores e o nosso na cultura. Existe uma vontade perversa de sucatear a cultura, existe uma vontade mesquinha de destruir programas. Existe uma escolha egoísta de limitar o acesso à arte, existe uma escola arbitrária de apequenar a cidade em que vivemos. Não se trata de números, se trata de escolhas e vontades. Nós, trabalhadores da cultura escolhemos estar aqui e combater a perversidade, a mesquinha e a arbitrariedade. Nós escolhemos a nossa dignidade. Os senhores precisam fazer as suas escolhas e fazer o seu trabalho.

Muito obrigada. (Palmas)

O SR. PRESIDENTE (Ricardo Nunes) – Eu só não entendi qual era a demanda, mas tudo bem. Quero anunciar a presença do nosso querido e estimado Senador Eduardo Suplicy.

Passo a palavra ao sub-relator da Cultura, Vereador Zé Turin.

O SR. ZÉ TURIN – Eu gostaria que o Pablo que falou agora há pouco em balela em relação às emendas de Vereadores. A gente tem brigado tanto, uma luta incansável nossa, de todos nós, para encaminhar aquele pedacinho de recurso que nós temos para inaugurar as obras, para beneficiar, para melhorar e todos os setores, em todos os segmentos da cidade de São Paulo. Então é inadmissível, da minha parte, inclusive está aí o convite, quando estiver a reforma concluída da Casa de Cultura de Santo Amaro, a praça os equipamentos que os Vereadores Ricardo Nunes, Eduardo Tuma e eu estamos encaminhando recursos. Então está

aí o convite para vocês participarem, estarem conosco na inauguração. Então é inadmissível falar de emendas, que emenda é balela. Nada disso, cada um aqui encaminha. Todos nós, eu presencio isso dia após dia, a briga de todos os Vereadores para com o Secretário da Fazenda, para que libere os recursos para que possamos realizar os projetos nos bairros. Então é muito sério isso aí.

Aqui, esse resumo, pessoal, que eu fiz, dentro da planilha que foi apresentado aqui nós temos vários projetos e várias atividades aqui. São vários códigos bem semelhantes. Eu fiz um resumo do orçamento da cultura, mas ninguém cortou nada. Então aqui temos algumas pastas aqui, vou só apresentar, mas dentro de cada uma continua os projetos e as atividades, bem como as reformas e tudo o mais, ninguém mexeu na planilha, só um resumo para vocês entenderem melhor, que foi dessa forma que eu passei a entender melhor a criação da Casa de Capoeira, enfim, tudo através do código interno que é o controle que a Secretaria da Fazenda tem juntamente com a Comissão de Finanças aqui. Então, uma rápida apresentação para vocês, qualquer dúvida o nosso gabinete está à disposição, na sala 1117, no 11º andar para esclarecimentos ou complemento das informações necessárias para um bom relatório da cultura.

Eu vou rapidamente aqui só o resumo. Acho que vai conseguir ampliar. Rede Ruas, nós temos uma proposta de 500 mil reais; proposta par 2018, aceitaríamos... Gostaria que ampliasse mais porque está fora da ordem aqui. Relatoria está quase pronto, Jesus, só precisamos de mais recursos, o que estamos batalhando, brigando para que possa melhor. Você viu que eu já comecei dos 500 mil falando 500 milhões. Você vê o quanto eu apoio a cultura e quero.

- Manifestações na galeria.

O SR. ZÉ TURIN - Ninguém vai cortar nada aqui. Nós queremos acrescentar, não cortar. Esse é o meu papel aqui e da Comissão.

A SRA.

– Vamos lá. Criação da Casa de Capoeira, 300 mil, o

Orçamento de 2017, atualizado até setembro de 2017.

- Manifestações fora do microfone.
- Assume a presidência o Sr. Jair Tatto.

A SRA. CAMILA – Não tem proposta.

- Manifestações fora do microfone.

A SRA. CAMILA – Meu nome é Camila, sou assessora do Vereador Zé Turin.

Implementação do Fundo Municipal de Cultura. Orçamento de 2017, 1 mil reais.

- Vaias e manifestações no recinto.

A SRA. CAMILA – E a mesma proposta para 2018. Oficinas e programações nas casas de cultura. Orçamento de 2017, 6 milhões e 900 mil. Executados,...

- Manifestações no recinto.

O SR. ZÉ TURIN – Pessoal, agora há pouco eu falei que nós já temos 25 milhões para nós distribuímos, tá? Nós estamos apresentando a proposta inicial, mas obviamente nós vamos trabalhar, e eu ainda vou batalhar para buscar recursos. Isso aí não é o relatório final, não; por favor.

- Falas fora do microfone.

O SR. ZÉ TURIN – Não, isso não é verdade.

- Falas fora do microfone.

O SR. ZÉ TURIN – Não é verdade. Não é verdade. Eu estive com o Secretário Caio Megale na sexta-feira, e até setembro foram executados 280 milhões...

- Manifestações no recinto.

O SR. ZÉ TURIN – Veja bem:... Por favor...

- Manifestações no recinto.

O SR. ZÉ TURIN – Não, não. Não estou querendo passar pano, só estou lhe falando dos números reais. Os números reais. Agora, os motivos pelos quais, também, não foram executados alguns projetos: por falta de documentação das entidades. Isso aí, eu já

chequei também. Não estou dizendo...

- Manifestações no recinto.

O SR. ZÉ TURIN – Mentira nada. Por favor, mais respeito aqui. Eu provo para vocês que sim. Eu vou provar. Não é o momento aqui...

- Manifestações no recinto.

O SR. ZÉ TURIN – Eu provo para vocês que muitos projetos não foram executados por falta de documentações das entidades.

- Manifestações no recinto.

O SR. ZÉ TURIN – Eu vou te provar isso, Jesus. Você está duvidando de mim, rapaz? O que é isso?

- Manifestações no recinto.

O SR. ZÉ TURIN – O que eu mais faço é o social. O que eu mais fiz a vida inteira foi contemplar entidades com documentações. E nós temos jurídico dentro do nosso gabinete especializado em terceiro setor.

- Manifestações no recinto.

O SR. ZÉ TURIN – Não, não é por aí, tá? Eu não estou dizendo... Eu não estou justificando aqui o Orçamento todo que está faltando. Eu estou dizendo que parte dele não foi executado por falta de documentação; uma parte, entendeu? Eu vou te passar isso, está bom?

- Manifestações no recinto.

O SR. ZÉ TURIN – Você sabe, você não é bobo. Você quer tumultuar, rapaz. Você sabe do que eu estou falando.

- Manifestações no recinto.

O SR. ZÉ TURIN – Isso aí é tumulto. Eu estou te passando a planilha real dos 518 milhões de 2017 e dos 436 milhões e 900, que estão sendo apresentados para 2018. Isso é só um resumo. Ninguém está aqui querendo tapear ninguém, está bom? Nós vamos distribuir, o que for de recurso que nós conseguirmos a mais, da melhor forma possível. Agora, você vem

aqui para querer tumultuar, e não é a primeira vez. Eu estou aqui para colaborar. O meu trabalho é tão suado quanto o de vocês. Então, eu exijo um pouco de respeito.

- Manifestações no recinto.

O SR. ZÉ TURIN – Ah, não? Ah, não? (ininteligível)

- Manifestações no recinto.

O SR. ZÉ TURIN – Ah, não presta? Então o que você está fazendo aqui?

- Manifestações no recinto.

O SR. ZÉ TURIN – O que você está fazendo aqui?

- Manifestações no recinto.

O SR. ZÉ TURIN – Que bosta o que, rapaz? Olha o respeito.

- Manifestações no recinto.

O SR. ZÉ TURIN – Escrachado o que, rapaz?

- Manifestações no recinto.

O SR. ZÉ TURIN – Que o hip hop não seja representado por pessoas como você, entendeu?

- Manifestações no recinto.

O SR. ZÉ TURIN – Não é. Não é. Representantes do hip hop não agem como vocês, não. Eu conheço. Eu conheço. Vocês não representam o hip hop, não. É vergonhoso. A forma como vocês estão se apresentando aqui... Eu exijo respeito, tá?

- Manifestações no recinto.

O SR. ZÉ TURIN – Enrolação, nada. Eu saí daqui 1 hora da manhã na sexta-feira para montar essa planilha. Agora, se infelizmente houve problema na apresentação,...

- Manifestações no recinto.

O SR. ZÉ TURIN – Está à disposição de quem quiser no meu gabinete. Está à disposição.

- Manifestações no recinto.

O SR. ZÉ TURIN – Que nada. Não é a primeira vez que você vem aqui fazer baderna.

O SR. PRESIDENTE (Jair Tatto) – Vamos lá. Zé,...

O SR. ZÉ TURIN – A gente trabalha. Agora, você vem fazer baderna. Dá licença, rapaz.

- Manifestações no recinto.

O SR. ZÉ TURIN – Você nem conhece a minha vida. O que é isso?

- Manifestações no recinto.

O SR. ZÉ TURIN – Exijo respeito sim.

O SR. PRESIDENTE (Jair Tatto) – Deixe-me pedir ao Vereador Zé Turin...

- Manifestações no recinto.

O SR. PRESIDENTE (Jair Tatto) – Zé Turin, organiza novamente a sua apresentação, que você vai fazê-la até o fim. Será garantido todo o direito de o sub-relator apresentar. (Palmas)

O SR. ZÉ TURIN – Obrigado, Sr. Presidente.

- Manifestações no recinto.

O SR. PRESIDENTE (Jair Tatto) – Todas as vezes, todos aqui, Senador, as pessoas falam à vontade. Nós estamos fazendo a segunda audiência pública. Nós estamos prorrogando todos os tempos, de previsão de audiência pública. Eu me atenho a me calar diante de certos comportamentos.

- Manifestações no recinto.

O SR. PRESIDENTE (Jair Tatto) – Osmar Araújo é o próximo.

- Manifestações no recinto.

O SR. PRESIDENTE (Jair Tatto) – Não, não, será garantido ao relator. Ele vai repassar toda... Mas aí me solicitaram que não estava bom o *slide*, e que se iria reorganizar isso. Vai passar até o fim e vai ter todo o tempo necessário para falar.

O SR. ZÉ TURIN – É isso aí. A assessoria já está providenciando as correções devidas. Desculpa, pessoal.

O SR. PRESIDENTE (Jair Tatto) – Olha, o distrato que foi feito ao Vereador está registrado e será corrigido.

- Manifestações no recinto.

O SR. PRESIDENTE (Jair Tatto) – O nobre Vereador Zé Turin foi designado para essa tarefa e tem colaborado em todos os sentidos. A história do Zé Turin, Vereador Suplicy, é uma história da esquerda brasileira. Quem o conhece pessoalmente sabe do caráter e do que é a vida dele.

- Manifestações no recinto.

O SR. PRESIDENTE (Jair Tatto) – Agora, eu não vou aqui discutir mais, porque quando eu chamei a atenção fui motivo de piada com a Mônica Bergamo, da *Folha de S.Paulo*. Eu disse que as pessoas têm que vir aqui discutir o Orçamento. Hoje o nível estava melhor ainda do que os outros, que já estavam em bom nível. Então, eu não vou citar nomes de pessoas aqui para não alegrá-los.

Osmar Araújo. Depois, José Renato. Por 3 minutos.

O SR. OSMAR ARAÚJO – Vamos lá. Depois de tanta gente falando aqui, tantos artistas, eu fico meio envergonhado de falar. Não sou artista, mas trabalho com cultura. Sou Osmar Araújo, sou do Ponto de Cultura Mudança de Cena. Sou conselheiro da Casa de Cultura do Tremembé. Articulo os conselheiros de casas de cultura pela Cidade e tenho algumas coisas para dizer.

Primeiramente, que a Cidade está mais triste porque a cultura é o oxigênio dela. Se se tira o Orçamento, a gente fica sufocado. Menos dinheiro, menos cultura, cultura só para quem pode pagar ou é beneficiado pela Lei Rouanet, que a gente sabe quem é: o pessoal do Fórum Brasileiro de Cultura. Eles têm dinheiro à sobra, estão fazendo a defesa deles, enquanto a gente está aqui fazendo a defesa de um quinhão do Orçamento. A Cidade está triste.

Precisamos alegrar a Cidade com cultura.

Para falar um pouco das casas de cultura, que acompanho, para mim é curioso uma Secretaria destinar boa parte do Orçamento para os equipamentos de cultura e, ao mesmo tempo, negligenciar a existência dos conselheiros de cultura que foram eleitos na última gestão, que estão na lei da criação das casas de cultura. Em paralelo, eles indicam os conselheiros como se fossem biônicos. Agora, temos conselheiros biônicos. Talvez isso chegue às casas de cultura também. Para quem não sabe o que significa a palavra “biônico”,... Os mais velhos como eu sabem do que estou falando. Todo esse recurso de entretenimento que já foi falado vai ser gerido no *petit comité*, e isso é muito ruim para a Cidade, porque não é uma gestão que pensa a cultura de forma que ela deve ser pensada. Porque quem faz cultura é o povo, não as Secretarias, não o Estado – diferentemente de educação e saúde, que devem ser providas pelo Estado. A cultura não precisa ser provida, nós já estamos lá no território fazendo cultura.

O que é necessário é fortalecer quem está fazendo cultura, e quem está fazendo cultura nas periferias somos nós, não a Secretaria de Cultura do Município. Para isso, há dois programas muito importantes. Um é o Ponto de Cultura, o fomento da periferia, e o outro são os Movimentos de Pontos de Cultura. Segundo lei que tramita nesta Casa, cuja aprovação estamos esperando, o Movimento de Pontos de Cultura não precisa de Orçamento. Anotem aí, Srs. Vereadores: aprovem a Lei Cultura Viva Municipal.

Para finalizar, quero pedir 16 milhões para o Programa Pontos de Cultura, que neste ano vai ser executado num edital de prêmios, segundo informações da nova Coordenadora da Secretaria, que serão 10 prêmios de 50 mil reais. Quer dizer, um nada. Vamos ter uma volta a uma gestão que fazia editais que diziam como seria se fosse para todo mundo; ou seja, política pública de experimento. Serão meia dúzia de pontos de cultura, 50 mil para cada um.

É pouco recurso, e eu gostaria muito que você levassem em conta o programa, que

é reconhecido internacionalmente. Há nos outros países, foi criado aqui, até o Papa reconhece o programa, quer acolhê-lo, mas aqui estamos simplesmente virando as costas a ele. Obrigado. (Palmas)

O SR. PRESIDENTE (Jair Tatto) – Próximo orador, José Renato.

O SR. JOSÉ RENATO – Boa tarde senhores, boa tarde a todos. Vindo à audiência pública passada e a esta, nós nos reunimos com o Vereador Zé Turin, vários grupos aqui fizeram estudos. Ouvindo as falas das pessoas que se pronunciaram vemos que existem especificidades de reivindicações, mas que elas são muito complementares, são bastante similares no que diz respeito à quantidade de recursos e especificidades das rubricas orçamentárias para termos controle social sobre a execução.

Quantidade de recursos e rubricas específicas para controle social sobre a execução é basicamente uma descrição do que está escrito no nosso Plano Municipal de Cultura, gente. A gente vem aqui todo ano, fazemos reuniões, falamos. Para da Casa Legislativa dizer para nós. Conversando com vocês, estamos sabendo, por exemplo, que temos uma previsão orçamentária de arrecadação para este ano em torno de 50 bilhões. Essa informação foi dada para nós esta semana. Não sei se chegará a 50 bilhões, talvez fique em 49 bilhões, em 48 bilhões; mas temos hoje uma reserva de 45, estão sobrando 3 bilhões do Orçamento. A gente abriu esta audiência pública hoje com o relator Ricardo Nunes e o Vereador Zé Turin dando para nós a informação de uma liberação de empréstimo de 1,2 bilhão, senão me engano, e mais essa recuperação judicial da CPI da dívida dos bancos, de 600 milhões. É lógico que esse dinheiro já não está no caixa, eu sei que vocês já não podem executá-lo. Sim, é claro que isso vai entrar; mas a gente vê claramente, pediram para nós que estudássemos esse negócio, e fomos.

É meio absurdo a gente ver que, obviamente, a grana existe. É claro que os interesses e a especificidade... Parece-me que todos aqui presentes – tanto os representantes da Cultura como da parte do Legislativo e do Executivo -, todos nós salientamos a importância

da especificidade de rubrica para correta realização do Orçamento da Cidade e para a possível fiscalização social da execução do Orçamento. Tudo isso está escrito ali, num documento que é um decreto, desde o ano passado; está lá. Vamos implementar isso, gente.

A gente continua discutindo mês a mês, ano a ano uma coisa que está escrita, já tem um caminho de pedra que é suprapartidário, que é uma construção coletiva, social; e a gente continua aqui.

Era só o que eu queria falar; e dizer: gente, está tudo dado, é a gente trabalhar naquilo que todo mundo aqui está dizendo que quer trabalhar. E, se possível, se ainda vão falar por parte da Secretaria Municipal de Cultura, a gente queria ter uma resposta sobre essa não execução orçamentária deste ano, a partir de tudo o que foi dito aqui. Por gentileza. Muito obrigado.

- Assume a presidência o Sr. Ricardo Nunes.

O SR. PRESIDENTE (Ricardo Nunes) – Tem a palavra o Sr. Hernando Pimentel.

O SR. HERNANDO PIMENTEL – Bom dia a todos os presentes, aos Parlamentares e ao Relator. Estou representando o forró e diversos grupos, como a Família Forrozeira, a banda Forró de Verdade, a SP São Paulo e Unidos pelo Forró. Acredito que o forró é o menos favorecido. Não estou culpando ninguém, mas a nós agora estamos unidos. Somos mais de dezenas de milhares de forrozeiros em São Paulo e no Brasil e, com fé, em Deus, vamos nos unir cada vez mais.

Em 2015, estive, com mais trios, representando São Paulo no Festival Nacional de Forró de Itaúnas. Lá encontramos vários representantes das Ásia, da Europa e da América, numa mescla de cultura e troca de informações. Acredito que o Relator José Turin vai incluir o forró no Orçamento de 2018.

Tenho firma aberta, tenho funcionários registrados, pago os meus impostos e busco o sustento da família por meio da cultura. Respeito a cultura de todos, mas forró é cultura popular brasileira, que proporciona alegria, divertimento, lazer e até saúde, porque todo mundo

gosta de um forrozinho.

A cultura nos ensina, nos educa, é nossa origem, nossa personalidade, é a nossa identidade; ela é a formação geral de tudo.

No começo da Santa Ifigênia, todos os dias há forrozeiros gastando dinheiro, comprando instrumento, recebendo seu cachê e sustentando sua família.

Sou formado em Educação Física, pós-graduado, técnico em Química e técnico em Contabilidade, mas dependo do forró; não só eu como muitos que estão aqui.

Graças a Deus, estamos unidos.

Muito obrigado a todos que estão apoiando esse movimento, como o Zé da Lua, grande patriota cultural, o Nonato Araripe, o Gil, o Tio Joca, do Trio Sabiá e a produtora do CTN. Vamos nos unir cada vez mais e, com fé em Deus, chegar lá.

Muito obrigado. (Palmas)

- Assume a presidência o Sr. Jair Tatto.

O SR. PRESIDENTE (Jair Tatto) – Tem a palavra a Sra. Inti Queiroz.

A SRA. INTI QUEIROZ – Boa tarde a todas e todos. Falei na última audiência e pedi a palavra novamente hoje porque fiquei sem resposta do Secretário André Sturm a uma pergunta que muitos fizeram aqui e que volto a fazer agora: por que não estão implementando o Plano Municipal de Cultura? Gostaríamos de saber por que estão ignorando essa política cultural que foi criada por mais de dez mil cabeças pensantes de diversas procedências ideológicas e partidárias, progressistas ou não. Essa é a pergunta que gostaria de fazer, porque perdemos realmente muito tempo fazendo algo que simplesmente foi para o lixo. Eu mesma já perguntei para o Secretário uma vez, que me disse que tinha “dado uma lida” no Plano. Ouvir isso é revoltante, porque faço Doutorado sobre o Sistema Nacional de Cultura na USP e entendo que está acontecendo esses processos em diversas cidades deste país. Na verdade, é um projeto de desmonte que está acontecendo por esses golpistas, em que provavelmente está incluída essa turma que está aí, que está realmente ignorando um

processo de construção de política popular que vem acontecendo há muitos anos.

Eu gostaria de receber uma resposta a essa pergunta, porque eu saí da última audiência sem a resposta e bem brava por isso. A gente até se sente trouxe por estar defendendo o óbvio desde o ano passado. Não adianta somente vir aqui defender o Orçamento porque já vimos que eles não o executam. Até agora, foi executado menos de 41% e o que foi empenhado até agora não vai chegar a 49%. Então, isso nos deixa bastante revoltados, porque foi anunciado um congelamento de 47% da função cultura no início do ano e só o orçamento da Secretaria Municipal de Cultural vai ser congelado em 49%, ou seja, metade. Isso quer dizer que só vão executar metade; não vão executar nenhum terço de alguns programas e outros, como os agentes comunitários de cultura, sequer vão ser executados. Um monte de criança e jovem estava começando uma carreira que simplesmente parou.

Por isso, vir aqui apenas para pedir verba para a rubrica tal não adianta, porque eles não vão fazer, eles não vão executar. (Palmas)

Vamos parar de nos iludir, porque sequer o Plano Municipal de Cultura eles executam.

É isso. Obrigada. (Palmas)

O SR. PRESIDENTE (Jair Tatto) – Às 13h eu sei obrigado a iniciar a outra audiência pública, que vai até às 15h por conta do horário da sessão. No entanto, ainda falta falar o Relator da Cultura, o Vereador Eduardo Suplicy e a Vereadora Juliana Cardoso. Além disso, temos que ter reservar um tempo para as respostas.

- Manifestações no recinto.

O SR. PRESIDENTE (Jair Tatto) – Então, estarão prejudicadas as 12 inscrições futuras.

- Manifestação no recinto.

O SR. PRESIDENTE (Jair Tatto) – Claro. Mas, para eles responderem, eu preciso que declinem das inscrições.

Tem a palavra o Vereador José Turin, que vai fazer sua exposição sem ser interrompido.

O SR. ZÉ TURIN – Sr. Presidente, pode dar continuidade à fala dos inscritos até o nosso pessoal chegar. Caso acharem melhor, eu poderei depois entregar a vocês, pelo nosso gabinete, a planilha.

O SR. PRESIDENTE (Jair Tatto) – A exposição do Vereador Zé Turin já faz correções das próprias respostas da Secretária-Adjunta.

O SR. ZÉ TURIN – Eu não quero atrapalhar.

O SR. PRESIDENTE (Jair Tatto) – Não atrapalha em hipótese alguma, Vereador Zé Turin. Mas eu passo imediatamente a palavra ao nobre Vereador Eduardo Suplicy e depois à Vereadora Juliana Cardoso enquanto V.Exa. prepara as respostas.

O SR. ZÉ TURIN – O.k. Muito obrigado.

O SR. PRESIDENTE (Jair Tatto) – Só lembrando que temos apenas 15 minutos antes de começarmos a próxima audiência.

Tem a palavra o Vereador Suplicy.

O SR. EDUARDO MATARAZZO SUPLICY – Caro Presidente Jair Tatto; queridos Vereadores e Vereadoras; Sra. Marília Barbour, Secretária-Adjunta; Sra. Juliana Velho, Chefe de Gabinete do Secretário André Sturm, quero somar a minha voz à de todos aqueles que reivindicam maior atenção da Secretaria da Cultura, levando-se em conta que a cultura é algo de extraordinária relevância juntamente com a educação, sobretudo porque proporciona oportunidades de trabalho e de sobrevivência para um número muito grande de artistas, de pessoas que se dedicam à atividade cultura, ainda mais nesta metrópole de 12 milhões de habitantes, cujo aspecto mais importante que faz com que São Paulo seja uma cidade tão significativa para receber pessoas de todo o Brasil e de todo o mundo é exatamente a sua atividade cultural. Aqui, o fato de termos, todos os dias na Cidade, eventos culturais de extraordinária relevância. Ontem, por exemplo, participei de um dos melhores shows que já vi

na minha vida, e tenho ido a muitos shows – a apresentação do Emicida para mais de 2.500 pessoas num auditório da Avenida Francisco Matarazzo.

O show durou nada menos que três horas, e o público, entusiasmadíssimo, com pessoas se aglomerando, mas todos dançando animadamente. Notei na fila pessoas de todo o Brasil, dos mais diversos Estados que gostam de Hip Hop e participaram da gravação do DVD, que contou com a participação de Caetano Veloso, Pitty e tantos outros grandes artistas. Isso é um estímulo formidável para que os artistas, como, por exemplo, do forró, cujo representante falou há pouco, e pessoas que trabalham com o Hip Hop e com o RAP.

Desde os anos 90, aprendi que se quisermos saber bem o que pensam os jovens da nossa cidade, desde a Cidade Tiradentes ao Capão Redondo, desde Paraisópolis a Pirituba e Perus, e assim por diante, precisamos ouvir o RAP. Eu me tornei amigo dos Racionais, do Mano Brown quando percebi, depois de ir a alguns shows, que todo mundo sabia a letra. Ontem à noite, no show do Emicida, o público cantava com ele as longas letras e sabia a letra porque ela faz parte do seu cotidiano, das suas aspirações; inclusive há sérias críticas nas letras àqueles que estão na vida política cometendo atos de corrupção. Tudo isso está contido nas letras.

Portanto, eu acho que estimular, dar toda a força à área cultural é muito importante. Por isso, somo minhas palavras em prol do orçamento da Cultura. Embora tenhamos um aumento do orçamento, o fato de a verba passar de 518 milhões, em 2017, para 436 milhões, verba para 2018, é algo que não combina com essa visão.

Ainda hoje à tarde o Prefeito vai reunir diversas Secretarias, como a do Meio Ambiente, a do Trabalho e a de Desenvolvimento para decidir sobre o programa Ligue os Pontos. A partir de um projeto muito interessante para estimular a produção de produtos naturais, sem agrotóxico, um programa de meio ambiente e de sustentabilidade, e, 2015, a Prefeitura de São Paulo ganhou da Fundação Bloomberg um prêmio da ordem de cinco milhões de reais. Hoje à tarde, o Prefeito convidou quatro Secretários – não o da Cultura – para

decidir como vai usar esse dinheiro. Quem sabe possa ir um pouco para a Cultura também.
(Palmas)

Sugiro até ao Vereador José Turin que, quem sabe, possa fazer um ajuste para também contemplar a Cultura nesse projeto Ligue os Pontos.

Permita-me também outro assunto que é da área cultural. Vocês sabem que há mais de 30 anos o pessoal do Teatro Oficina, do José Celso Martinez Corrêa, que fica no Bixiga, fez um projeto para que, do Teatro Oficina praticamente até a Praça Roosevelt, se faça como se fosse um grande parque cultural. Ele sugeriu ao Silvio Santos que pudesse fazer uma permuta com a Prefeitura para que, em vez de o Silvio Santos construir quatro grandes torres ali, cercando o Teatro Oficina, que possa haver o desenvolvimento de uma área cultural tão historicamente importante e tradicional, porque, além do Teatro Oficina, há o Teatro Brasileiro de Comédia, além de outros teatros que havia ali. Portanto, o Bixiga pode se tornar outra vez um grande centro cultural de São Paulo.

No próximo domingo, dia 26/11/17, às 14h, haverá no Teatro Oficina um abraço de todos aqueles que irão abraçar a causa e conclamar ao Silvio Santos a realização desse entendimento em favor da cultura de São Paulo.

Quando às vezes eu vou lá, eles me puxam para me tornar ator por alguns instantes.

Mas, tantos de nós já fomos lá e quem sabe muitos aqui até foram artistas, atrizes ou atores, por exemplo, de *Os Sertões*. Sexta-feira será a última exibição do *O Rei da Vela*, no Sesc Pinheiros, que tem estado lotadíssimo. O José Celso pode ver se pode chegar a um entendimento com o Prefeito, até o convidou a ir nessa última sessão do *O Rei da Vela*. Quem sabe ele possa perceber a riqueza cultural de pessoas como o Renato Borghi. A Fernanda Montenegro, a Fernanda Torres e o Antonio Fagundes estiveram lendo a peça e foi algo maravilhoso. Eu só queria dizer: Viva a cultura. (Palmas)

O SR. PRESIDENTE (Jair Tatto) – Obrigado. Vereadora Juliana Cardoso não está

presente. Zé Turin, por favor. Só quero dizer que já são 25 milhões destinados ao Relator e ao Sub-relator, que irão fazer algumas correções tão pedidas aqui. Por favor, apaguem a luz. Enquanto isso, Marília irá responder ao clamor desse povo querido.

A SRA. MARÍLIA BARBOUR – Boa tarde a todos. quero agradecer aos Vereadores Jair Tatto, Ricardo Nunes, Zé Turin, Suplicy e Camilo Cristófaró que estão aqui na Mesa conosco; agradecer aos demais Vereadores da Casa. Infelizmente, o Secretário André não pôde estar presente, porque neste exato momento está num evento com a SPcine.

- Manifestações fora do microfone.

A SRA. MARÍLIA BARBOUR – Já havia sido marcado com antecedência, mas ele veio na primeira audiência.

O SR. PRESIDENTE (Jair Tatto) – Ele esteve na primeira, sim. É verdade.

A SRA. MARÍLIA BARBOUR – Ele não veio nessa segunda...

- Manifestações fora do microfone.

A SRA. MARÍLIA BARBOUR – É, ele é muito legal mesmo. Mas, nós viemos da Secretaria da Cultura, eu sou a secretária-adjunta, a Juliana é a chefe de gabinete e viemos também acompanhados do pessoal da Secretaria da Fazenda, e a Dra. Giullia e o Ahmed, que estão dando risada.

Enfim, ouvimos as sugestões, as críticas e temos uma série de perguntas a responder e espero conseguir responder a todas as perguntas e as que eu não tiver resposta por falta de tempo ou por não ter a resposta, eu me comprometo a encaminhar a resposta por escrito à presidência da Mesa.

Vou começar falando sobre *hip hop*, um tema que foi bastante levantado na última audiência. Quero dizer que este ano tivemos no nosso orçamento um milhão e meio para o *hip hop*. Para o próximo ano também está previsto esse valor de um milhão e meio. Nós até agora fizemos no mês do *hip hop*, o Hip Hop Celebration, formação de núcleo de *hip hop* na cidade de São Paulo, coordenado pelo Eazy Jay; um concerto de *hip hop* em homenagem à jornada

do patrimônio com inúmeros artistas de destaque do Theatro Municipal. Não chegou?

- Manifestação fora do microfone.

A SRA. MARÍLIA BARBOUR – Precisa ampliar, a gente entendeu. Eu vou terminar de falar e aí sim, eu ouvi e o que eu esquecer vocês me lembrem. O MCI, teve o Rap Box Live com a geração do *hip hop*, o Hip Hop Celebration do CCJ e circulação de vários artistas de *hip hop*, incluindo Rincon Sapiência no Circuito Municipal de Cultura. Anotei aqui que a ideia é chamar o movimento do *hip hop* e vamos fazer isso, *okay*? Está anotada aqui a demanda.

- Manifestação fora do microfone.

O SR. PRESIDENTE (Jair Tatto) – Não é esse o fórum. Nesse caso a gente faz protesto lá e pede a saída dele. Vamos deixá-la responder.

- Manifestação fora do microfone.

O SR. PRESIDENTE (Jair Tatto) – Existe uma rubrica específica para o *hip hop*? Já foi feita a pergunta, eu já compreendi.

A SRA. MARÍLIA BARBOUR – Eles estão consultando exatamente a rubrica, eu vou continuar a minha fala e a gente retoma esse assunto do *hip hop*. A Secretaria Municipal de Cultura, junto com a Fundação Theatro Municipal liquidaram até o momento 343 milhões, 636 mil e 577 e 74 centavos. Então, esse valor inclui uma série de políticas públicas voltadas para as casas de cultura, todos os eventos da Secretaria, os programas de fomento, de formação, enfim. Alguns exemplos: só de fomento nós investimos, em 2017, 35 milhões, 176 mil reais.

- Manifestação fora do microfone.

A SRA. MARÍLIA BARBOUR – Não, não é um dado irreal. É um dado realíssimo, porque é número, aqui não é humanas, é exatas. Então, nós honramos, só de 2015 e 2016...

- Manifestação fora do microfone.

A SRA. MARÍLIA BARBOUR – Olha, deixa eu falar uma coisa para o senhor: agora é a minha hora de falar, certo? Então, o senhor espere a sua fala, *okay*? Respeito é bom

e todo mundo gosta. Nesse valor de 35 milhões, nós honramos obrigações que vinham de 2015 e 2016, num valor total de 14 milhões e 800 mil reais. Foram editais lançados nas gestões anteriores, que precisavam ter o seu valor pago esse ano. Então, nós honramos isso, cumprimos a nossa promessa de lançar os editais.

Lançamos alguns que são novos. Lançamos um edital para o *reggae*, um edital para música, um edital de publicação de livros, para rádios comunitárias, um edital do MAR, que é um Museu de Arte na Rua para grafiete. E lançamos um edital de circo, que são novidades na gestão.

Nesse valor, de 343 milhões de reais, temos valores que foram destinados às casas de cultura. Vou dar um exemplo, de janeiro a setembro, gastamos um milhão e 655 mil. Nós também gastamos recurso com as 54 bibliotecas, um milhão e 803 mil.

- Manifestação fora do microfone.

A SRA. MARÍLIA BARBOUR – Levando em conta todos os planos, nós estamos ampliando. Olha, vamos lá, biblioteca é um tema interessante. Estamos fazendo um novo programa de biblioteca que se chama Biblioteca Viva. Qual o objetivo desse programa? Esse programa tem como escopo atrair leitores para as bibliotecas. Não é fácil atrair leitores para as bibliotecas.

Então, por isso estamos melhorando a infraestrutura das bibliotecas, adquirindo novo acervo para elas. Que tipo de livro estamos procurando? Os livros mais procurados, os best-sellers, aqueles que a população quer ler. E os clássicos também. Os livros que a população mais quer ler. O que interessa é o que a população quer ler. O que a população quer ler está sendo adquirido para as bibliotecas e estamos atrás disso, conseguindo comprar e conseguindo implementar as bibliotecas.

Um novo mobiliário, tem *wi-fi* nas bibliotecas, elas abrem aos domingos e temos também uma programação semanal para as bibliotecas. A ideia é atrair maior público para a biblioteca. É fácil? Não é fácil. Nós iniciamos agora e pretendemos dar continuidade e a ideia é

que a gente consiga aumentar o público das bibliotecas.

- Manifestação fora do microfone.

A SRA. MARÍLIA BARBOUR – Acho ótimo que você esteja de olho, acho que isso é válido.

- Manifestação fora do microfone.

A SRA. MARÍLIA BARBOUR – Acho que vocês têm de estar de olho e o diálogo tem de ser calmo, porque diálogo agressivo não leva ninguém a lugar nenhum.

- Manifestação fora do microfone.

O SR. PRESIDENTE (Jair Tatto) – Marília, então deixa eu fazer o encaminhamento. Quero agradecer a presença da Marília.

A SRA. MARÍLIA BARBOUR – Mas, eu gostaria de continuar.

O SR. PRESIDENTE (Jair Tatto) – Não, mas dessa forma eu não vou permitir que continue. Vou agradecer à Marília. Deixa eu me comunicar com vocês. Amanhã teremos a última audiência.

- Manifestações concomitantes.

A SRA. MARÍLIA BARBOUR – O Plano Municipal de Cultura está sendo estudado para ser implementado. O Plano Municipal de Cultura tem diretrizes para vários anos daqui para frente. A Secretaria de Cultura tem de estruturar para isso, foi algo pensado na gestão anterior. A Secretaria Municipal de Cultura tem de se estruturar e começamos essa estruturação e vamos dar continuidade, implementar, começar.

Algumas das nossas ações estão sim começando a entrar de acordo com o Plano Municipal de Cultura, que tem ações enormes, que não são só para um ano, ou dois anos ou três anos, são para dez anos. Então, esse é um diálogo permanente, que precisa acontecer e vai começar a acontecer, a gente está se organizando para isso.

O primeiro semestre desse ano foi inteiro dedicado a tentar descongelar o orçamento, em razão de um equívoco que aconteceu no ano passado, que não sabemos o

motivo. Fez com que o projeto de cultura, o recurso, a grande quantidade de recurso de cultura, que sempre foi prevista como atividade foi deslocada para outro título no orçamento que se chama projeto e na hora que isso aconteceu – isso não tem responsabilidade da atual gestão – o orçamento foi congelado.

Então, esse ano inteiro, o primeiro semestre foi uma luta para que o orçamento fosse descongelado. O orçamento foi descongelado e nós já corrigimos essa questão. Então, para o orçamento do ano que vem não teremos esse problema, os recursos para serem gastos para a cultura, estarão na rubrica de atividades. Vai ser fácil, não teremos essa luta, é uma luta a menos.

Então, esse primeiro semestre foi colocar ordem na casa, ampliar as equipes, realocar pessoas de equipes, criar novas atividades nas equipes.

- Manifestação fora do microfone.

O SR. PRESIDENTE (Jair Tatto) – Amanhã teremos audiência geral e vocês poderão vir se manifestar novamente.

- Manifestação fora do microfone.

A SRA. MARÍLIA BARBOUR – Não é uma novidade? É o mesmo edital?

O SR. PRESIDENTE (Jair Tatto) – Conclua, Marília.

- Manifestação fora do microfone.

A SRA. MARÍLIA BARBOUR – A Biblioteca Viva pode ser implementada sim, porque é uma demanda da população.

O SR. PRESIDENTE (Jair Tatto) – Marília, deixa eu estabelecer uma regra aqui. agradeço a sua boa vontade em tentar responder, considero gravado, amanhã teremos uma audiência pública geral, a 16º, a última. Muito obrigado, Marília.

Nada mais havendo a tratar, declaro encerrada esta audiência pública.

